

A aventura humana de Molière Sábato Magaldi

Choques culturais Moacir Chaves

Atores de Laura entrevista com Daniel Herz e Susanna Kruger

Pensando teatro Sérgio Fonta

Festival Internacional de Teatro Demétrio Nicolau

Malandragens de Escapino Molière

cadernos de T E A T R O



1

6

8

Cadernos de Teatro é uma edição do Teatro Tablado

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal das Culturas
RioArte
Shell

Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro
Cesar Maia

Secretário Municipal das Culturas
Ricardo Macieira

**Presidente do Instituto Municipal
de Arte e Cultura – RioArte**
Fábio Ferreira

Diretor de Projetos - RioArte
Alberto Benzecry

1

6

8

CADERNOS DE TEATRO Nº 168

julho, agosto, setembro de 2002

Conselho Editorial

Bernardo Jablonski, Guida Vianna,
Ricardo Kosovski, Dina Moscovici

Editor

Lionel Fischer

Redação e Pesquisa d'O Tablado

Diretor Responsável

João Sérgio Marinho Nunes

Diretor-Tesoureiro

Eddy Rezende Nunes

Projeto Gráfico

eg.design/Evelyn Grumach e Tatiana Podlubny

Editoração

eg.design/Paulo Pelá

Secretárias

Silvia Fucs e Vania V. Borges

Redação

O Tablado

Av Lineu de Paula Machado, 795
Rio de Janeiro – 22470-040 – Brasil

Os textos publicados nos Cadernos de Teatro
só poderão ser representados mediante autorização
da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT)
Av. Almirante Barroso, 97, Rio de Janeiro

Tributo a Molière

Esta edição tem como protagonista o maior comediógrafo de todos os tempos: o francês Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673), que passou à **História** com o nome de Molière. Um excelente ensaio de **Sábato Magaldi** (*A aventura humana de Molière*) introduz o amigo leitor no universo daquele que produziu as mais **brilhantes e contundentes comédias**, uma delas publicadas neste nº 168: ***Malandrags de Escapino***. Esta peça, por sinal, foi a escolhida pelos **Atores de Laura** para comemorar os dez anos de estrada da companhia - **Daniel Herz e Susanna Kruger** concederam entrevista aos Cadernos de Teatro, onde recordam o início de suas carreiras, apontam suas **principais influências, explicitam os objetivos do grupo e revelam planos para o futuro**, entre outros temas. A Molière também dedicamos nossa **Múltipla Escolha**.

Apresentamos também artigos de Moacir Chaves (*Choques culturais*) - uma reflexão sobre o ator a partir de sua recente participação no Fórum Internacional de Jovens Profissionais de Teatro, em Berlim - , Demétrio Nicolau - um balanço do último **Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto** - e Sérgio Fonta, que acompanhou o **Congresso Brasileiro de Dramaturgia**, realizado este ano em São Paulo.

No complemento desta edição, o Gabarito do nº 167, a coluna Personalidades - já chegamos à letra K! - um ótimo texto para estudo de **Carlos Drummond de Andrade** (*Excesso de companhia*) e os Textos à disposição.

Tenham todos um ótimo nº 168!



4

A aventura humana de Molière

10



Choques culturais

14

Atores de Laura: grupo festeja 10º aniversário



20

Pensando teatro

24

Festival Internacional de Teatro





28

Personalidades

10



Múltipla Escolha/ Gabarito

14



Texto para estudo: Excesso de companhia

21



Malandragens de Escapino

22

Textos à disposição

A aventura humana de Molière

SÁBATO MAGALDI



Fazer a exegese de Molière seria decifrar o próprio mistério do teatro. Na história da atividade cênica, nenhum nome (com exceção talvez de Shakespeare, que orientou sua aventura artística em outro sentido, chegando a fins semelhantes) encarnou como Jean-Baptiste Poquelin toda a riqueza do fenômeno teatral, a ponto de poder ser considerado uma sùmula dele. Quando se trata de estabelecer as verdades básicas, não há como fugir aos lugares-comuns, identificando a máscara de Molière à fusão das duas máscaras que simbolizam o teatro.

Jouvet reivindicou para Molière, assentando uma verdade essencial no seu entendimento, a primazia do ator sobre o autor homem de bom senso, do dramaturgo sobre o filósofo e o moralista. Recolocando-o dentro do teatro, ele alargou suas fronteiras, porque lhe reconheceu uma margem de imprevisto e de imaginação que rompem os conceitos de um naturalismo limitado e de uma estética burguesa. Molière despiu-se da sobrecarga dos valores eternos para viver de novo da magia de um teatro que se inventa no palco, herdeiro da Commedia dell'Arte.

Imagem

Mas é preciso compreendê-lo no seu todo, não omitir a inscrição histórica de sua biografia. Não há uma face reveladora de Molière, apreensível numa peça privilegiada: sua imagem se foi construindo com as numerosas experiências e ficaria incompleta com a omissão de um único texto, ou uma única iniciativa do ator-empresário. A maturidade, nos chamados anos difíceis, deu-lhe talvez uma forma próxima da síntese, com *Le tartuffe*, *Dom Juan* e *Le misanthrope*. Faltariam ao retrato, porém, as hesitações do início, as liberdades expressivas de muitas obras, o vôo genial de cenas soltas e a crise decorrente daquelas peças-limite, monumentos isolados que não poderiam conhecer descendência. Molière é o seu itinerário e nesse itinerário concentram-se todas as indagações a respeito do teatro.

Filho de família burguesa com acesso à Corte (seu pai era tapeceiro do rei e essa patente lhe seria transmitida), aluno dos jesuítas e freqüentador dos espetáculos populares, rompeu o círculo familiar e tentou o teatro parisiense, caindo na prisão, por dívidas. Esse o ponto de partida e a explicação para o mambembe que o manteve em excursão pelo interior da França durante doze anos, e onde solidificou o *métier* da companhia e fez as primeiras experiências como autor. Ao regressar à metrópole, Molière lançava uma cartada decisiva e tinha a seu favor o longo aprendizado na província, a lenta preparação de um elenco apto para os vários papéis do repertório.

Malogro

Se Molière, como intérprete, não fosse tão insuficiente na tragédia, talvez tivesse sido outra sua carreira. Sobretudo na última década da primeira metade do século XVII, o gênero “nobre” concentrava todos os interesses, não podendo equiparar-se a ele, em ambição artística, o divertimento dos cômicos italianos. A história de Molière foi assim, a princípio, a história de um malogro, de uma incapacidade para os altos cimos literários. Ao sair dos ensaios populares de *La jalousie du barbouillé*, *Le médecin volant* ou mesmo *Les précieuses ridicules*, tentou sem muito êxito uma contrafação heróica em *Dom Garcie de Navarre*. A fria acolhida encaminhou-o de novo aos seus arraiais, mas agora com a noção de que deveria encontrar neles um equivalente artístico da grandeza da tragédia.



L'école des femmes, posterior a *L'école des maris* e *Les fâcheux*, vem encontrá-lo já no pleno domínio de seu instrumento e consciente da elevada missão da comédia. Replicando aos seus detratores, Molière se manifesta sobre a tragédia sem nenhuma inferioridade através da personagem Dorante, que apresenta sua plataforma estética em *Critique de l'école des femmes*:

"Talvez não se exagerasse considerando a comédia mais difícil. Porque, afinal, acho bem mais fácil apoiar-se nos grandes sentimentos, desafiar em versos a Fortuna, acusar o Destino e injuriar os Deuses do que apreender o ridículo dos homens e tornar divertidos no teatro os defeitos humanos". Mais adiante, ela conclui: "Mas quando se pintam os homens, é preciso pintá-los como são; deseja-se que os retratos sejam fiéis, e não se consegue nada se não se faz reconhecer as pessoas do seu mundo. Nas peças sérias, basta dizer coisas de bom senso e bem escritas para não ser criticado; mas isso não é suficiente para as outras; é necessário brincar; e é uma estranha empresa fazer rir as pessoas honestas".

Guerra

Estava publicamente declarada a guerra entre a comédia e a tragédia. Molière abandona o herói, para fixar o homem. À humanidade ideal de Corneille, opõe uma humanidade real, nos seus vícios e nos seus ridículos. Mas o comediógrafo não se satisfaz com esse aspecto da questão, pelo qual sua obra poderia ser julgada uma paródia da tragédia coneliana. Procura imprimir à comédia uma dignidade superior, fazendo rivalizar a sua matéria com a utilizada pela tragédia. Na aparência, suas melhores obras valem-se do vício e do ridículo, com o objetivo de provocarem o riso; seu substrato, porém, é a tragicidade da condição humana, apreendida na observação do meio e de si mesmo. Ninguém pode deixar de ver, na irrisão de algumas das grandes personagens molierescas, a dolorosa imagem do homem solitário em face do destino.

Infidelidade

Casado com Armande Béjart (vinte anos mais jovem do que ele e não se sabe se filha ou irmã de Madeleine Béjart, sua antiga amante), perseguido pela idéia da infidelidade da esposa e vítima da cabala dos preciosos e dos falsos devotos, Molière purga-

se na exibição das próprias dores, oferecendo-se em espetáculo para os outros. É inútil indagar até que ponto o homem se retratou na obra e ela caminha paralelamente à biografia: a coerência interna das peças e a unidade da dramaturgia dispensam esclarecimentos da vida real, porque se bastam na expressão artística.

Alfred Simon compôs no Impromptu de Molière o solilóquio do homem, feito das réplicas do escritor. Real ou imaginária, a personagem nascida das sugestões da obra tem existência própria, define-se como um ser autônomo. E, examinando a farta galeria dos tipos molierescos, será difícil fugir à tentação de ver os principais como variações de um mesmo homem, transmitido ora com preponderância de uma tônica, ora de outra. Os numerosos ensaios sobre Molière analisam com minúcia a natureza particular de Tartufo, Dom Juan e Misanthropo. Apraz-nos divagar, porém, sobre esses textos, que poderiam ser englobados numa trilogia.

Problema

Em cada um deles, Molière põe o herói a reagir com empenho diante de um problema: em *Le Tartuffe*, diante da religião; em *Dom Juan*, diante do amor; e em *Misanthrope*, diante da sociedade e de si mesmo. É claro que essas distinções são simplificadoras e omitem conscientemente as outras coordenadas das obras, tanto assim que Tartufo e Alceste são movidos também por amor e Dom Juan faz terrível libelo contra a religião e a sociedade. A distinção didática serve apenas para mostrar como o dramaturgo, em suas obras-primas, quis aprender a substância humana, ao menos como ela se revelava ao século XVII.

Os censores de *Le Tartuffe* não se enganaram sobre a essência da peça e tudo fizeram para mantê-la interdita. De nada valeram os protestos de Molière, segundo os quais pintava um "impostor", um "falso devoto", um dos maus cristãos que se desgarravam do aprisco religioso. Tartufo contém mais verdade do que seria desejável num mero hipócrita. Seu caso, simplificada, poderia ser o de dupla personalidade. O homem apto a auferir as vantagens do prestígio religioso perde-se por causa das inclinações irreprimíveis. Eram-lhe presenteadas a jovem e a fortuna. Ele preferiu o risco de cobiçar a mulher casada. A razão o premiaria; a paixão o aniquilou. Molière faz saltarem no indi-



víduo essas reservas insondáveis que são a sua fatalidade. Tartufo é castigado menos por ser insincero no culto religioso do que vítima da fidelidade ao seu amor obscuro. É preciso resistir ao desejo de enxergar no texto a inviabilidade da devoção sincera, porque a carne é frágil e tem exigências escravizadoras.

Procura

Dom Juan mostra a alucinada procura de um homem que só repousará na morte, porque a vertigem terrena nunca lhe permitiu encontrar a própria unidade. As múltiplas mulheres representam o desespero de não ter descoberto a única, bem como a blasfêmia o fardo por não se ter conseguido entregar à religião. O desafio ao desconhecido e o conseqüente silêncio põem termo a uma existência que não se explicou. A atribulada vida sentimental de Molière tinha na figura do burlador uma imagem ampliada de seus descaminhos.

O retrato do Misanthropo parece mais fiel ao do escritor - homem que procura integrar-se no meio e acaba no refúgio da solidão. Sua intratabilidade está aí caracterizada. Célimène não correspondeu à total oferta de Alceste e este recusou-se aos compromissos menores. Se as relações só podem ser mantidas com base em melancólicas transigências, o melhor é fugir do comércio humano. O indivíduo choca-se contra a sociedade e não se ajusta à sua impostura. Com a ascensão da burguesia, desenhava-se já a crise íntima do homem vitorioso. A integridade de Alceste não se conciliava com as concessões e as máscaras da convivência social. Molière, depois do *Misanthropo*, se retiraria do mundo ou acertaria seu passo ao ritmo dos demais.

Tragédia

Conclui-se sem dificuldade que as obras-primas do gênio da comédia não são peças cômicas, e testemunham antes uma inequívoca visão trágica. Se os autores trágicos buscavam modelo nas personagens envoltas pelo prestígio da História ou da condição social, Molière descobriu tragicidade nos pobres-diabos atrapalhados com as suas mazelas e apresentando para os circunstantes uma aparência cômica. Difícilmente

haverá no palco uma combinação mais eficaz.

Mas, se o homem é cético na atitude pessoal, pode encontrar alento na realização artística. E a encruzilhada do *Misanthropo*, derrotando o indivíduo, salva o escritor. Vem a “escapinada providencial”, com uma série de variações entremeadas de bailado. Triunfa o comediógrafo oficial de Luiz XIV, embora outros competidores começassem a turvar um brilho que antes não conhecia rivais. Atrás das farsas mais desabridas, como podem parecer *Les fourberies de Scapin* ou *Le bourgeois gentilhomme*, há uma ponta indisfarçável de amargura. *Georges Dandin* é muito mais agressivo e revela, em toda a sua nudez, a repetida desgraça que atinge o trânsfuga de sua classe: os aristocratas decadentes querem o dinheiro do burguês mas o desprezam, e a mulher o trai nas barbas, com a secreta aprovação da família. Só lhe resta reconhecer: “Quando alguém casou, como eu, com uma mulher má, a melhor solução é se atirar de cabeça na água”. Talvez Molière tenha feito aí a catarse definitiva da tragédia matrimonial.

Morte

Faltava ao doente do peito, que há muitos anos carregava o fardo da moléstia, brincar com o instrumento da morte. E, num prenúncio do fim, ele escreveu e interpretou a comédia de *Le malade imaginaire*, ironia com o próprio destino. O doente que se queria imaginário estava de fato com a saúde precária e, antes de encerrar-se a quarta representação da peça, foi transportado para casa, expirando uma hora depois. Com 51 anos de idade (1622-1673), cumpria-se a sua biografia.

Afirmar que a obra de Molière não envelheceu e guarda intacta a pujança da criação inicial é pouco para exprimir as sugestões que se vêm renovando inesgotavelmente à cada exegese. Não há um homem eterno, mas existem características humanas com o dom de impor-se às demais. Molière, dentro de rigorosa historicidade, foi aos arquétipos e desvendou um, mais válido e genérico: o homem.

Este artigo, escrito em 1959, foi extraído do volume *Temas da História do Teatro*, publicado em 1963. (Curso de Arte Dramática, Faculdade de Filosofia, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre)

CHOQUES CULTURAIS

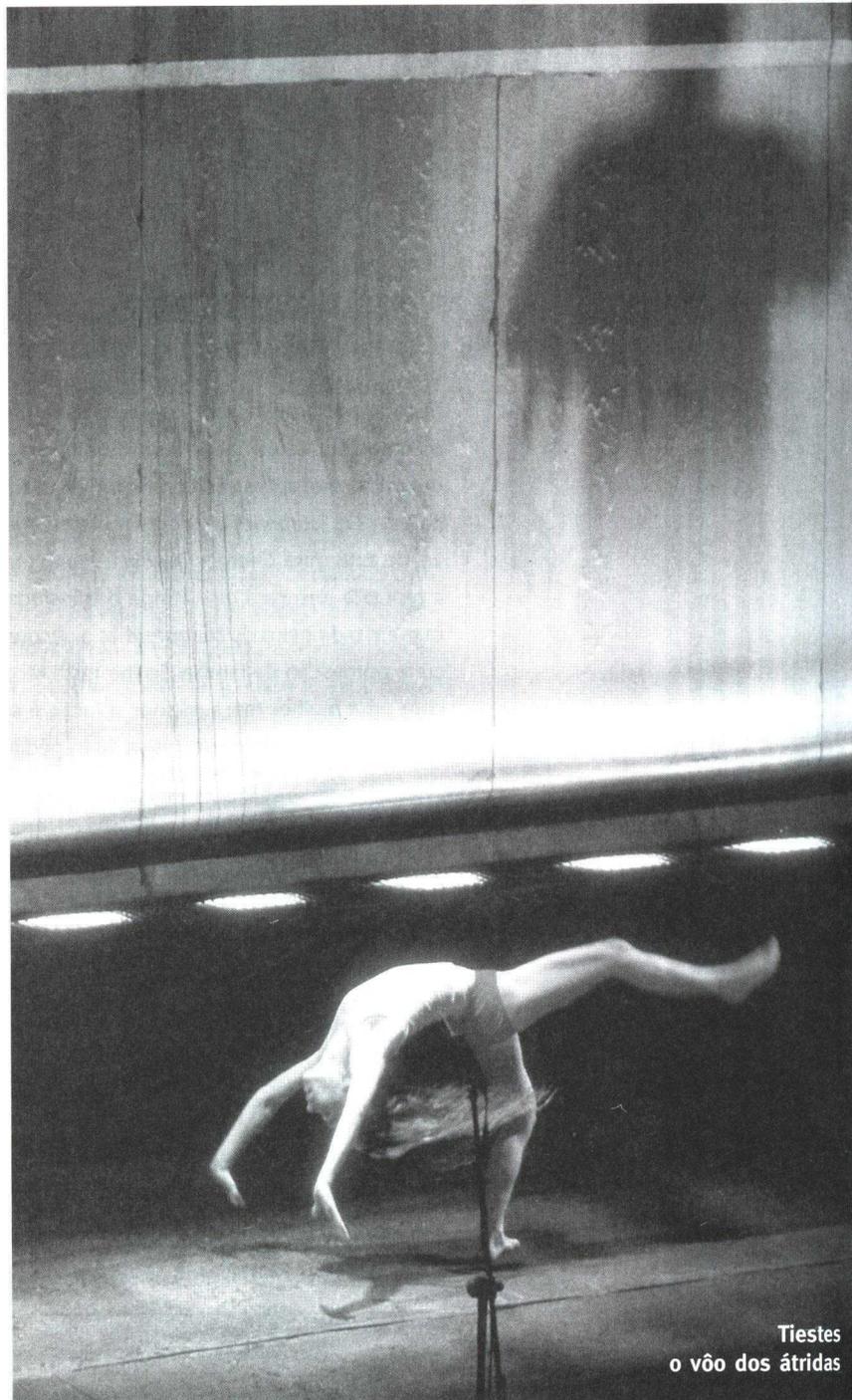
MOACIR CHAVES

Em abril deste ano, viajei, trabalhando como ator em uma versão reduzida do espetáculo *Bugiará*, pelo interior de Santa Catarina, em um projeto do Sesc chamado Palco Giratório. Um projeto muito bonito e importante. Além das apresentações do espetáculo nas cidades, debatíamos a obra com a platéia, ao final de cada sessão, e realizávamos oficinas para o público local - em uma das cidades, Itajaí, fizemos um intercâmbio com um grupo. Ao todo, percorremos 15 cidades em 29 dias. Das quinze, eu fui a nove - não pude continuar com a companhia porque fui participar de um seminário de teatro em Berlim, intitulado Fórum Internacional de Jovens Profissionais de Teatro, dentro do festival de teatro chamado Theatertreffen.

O festival, anual, encontra-se na sua 39ª edição, e apresenta as dez melhores produções de língua alemã do ano anterior. Nesta edição, foram selecionadas três produções de Zurique, duas de Berlim, duas de Munique, uma de Stuttgart, uma de Hannover e uma de Basel. O fórum, na sua 38ª edição, contou com 54 participantes, alemães em sua maioria, e de mais 17 países. Constava da programação do seminário quatro diferentes oficinas, dentre as quais deveríamos escolher a que mais nos interessasse, ministradas diariamente das 10 às 14 horas. À tarde, eram realizadas discussões diversas entre os participantes e convidados, além de exposições dos estrangeiros sobre o funcionamento do teatro em seus respectivos países. À noite, assistíamos as peças do festival, que eram temas de nossas discussões vespertinas, e aconteciam as "Conversas com o Público", com a presença de atores, do diretor e de outros participantes da montagem apresentada em cada noite.

168

10



A. T. Schaefer

Tiestes
o voo dos átridas

DESINFORMADO

Voltando a Santa Catarina. Em uma tarde, em Jaraguá do Sul, havíamos acabado de chegar na cidade, e fomos procurar o teatro onde nos apresentaríamos naquele mesmo dia. Perguntamos a um senhor onde ficava o teatro da cidade e ele respondeu que ali não havia teatro. Era uma cidade onde se trabalhava - não tivemos tempo para esclarecer que estávamos ali, coincidentemente, a trabalho, e em teatro, palavras que na mente daquele senhor não passam muito bem juntas. Além de tudo, ele estava mal informado.

Jaraguá do Sul está terminando de construir um belíssimo centro de cultura, chamado SCAR, com dois grandes e bons teatros, um deles já em funcionamento. Esta obra de grande dimensão foi feita por iniciativa de um grupo de cultura local, apoiado, através da Lei Rouanet, por indústrias da região. O grupo de teatro da cidade, amador, participou do projeto de construção do centro cultural. E apesar de ter sido um dos responsáveis por esta obra, de dar inveja a qualquer teatro no Rio de Janeiro, sequer cogita a possibilidade de se profissionalizar.

SURPRESA

De novo em Berlim. Quando fui falar sobre o teatro no Brasil, e em particular no Rio de Janeiro, o organizador do seminário, um homem de cerca de 70 anos, inteligente, culto, bem informado, se surpreendeu ao descobrir que falávamos português e não espanhol, no Brasil. A surpresa foi grande, também, quando disse o custo de algumas produções daqui, cujas imagens exibi em vídeo. Os valores eram exorbitantes para eles, porque inicialmente não entendiam que serviam para pagar também o

salário dos atores. Na Alemanha, o custo das produções exclui esse gasto, visto que os atores são geralmente contratados dos teatros, e estão à disposição para atuar nas peças que a direção das casas acha que devam fazer.

Há, além disso, atores convidados para determinados espetáculos. Desta forma, por exemplo, um teatro como o Deutsches Theater de Berlim conta com 40 atores contratados fixos e mais 50 especialmente contratados para a temporada 2001/2002. Com estes atores, o teatro apresenta, em suas duas salas, o seu repertório de 36 peças, algumas delas há mais de dez anos em cartaz. Este é apenas um dos teatros estatais de Berlim. Em toda a Alemanha, há cerca de 150 teatros como esse, teatros públicos com elencos contratados. Há ainda mais de 200 teatros particulares, com seus elencos, muitos dos quais subvencionados pelo governo. Cada teatro, para fazer funcionar o sistema de repertório, conta com um grande número de profissionais, de marceneiros e costureiras a engenheiros. Além disso, constroem os cenários, imprimem programas e livros, confeccionam e lavam os figurinos.

MERCADO

Há na Alemanha um grande mercado de trabalho para os atores, em todas as regiões do país. É possível ser um ator profissional, assalariado, e morar em uma pequena cidade, muitas vezes até mesmo em uma diminuta aldeia. Isso se reflete na formação dos atores. No Brasil, o padrão de interpretação é ditado pela televisão, nossa única empregadora fixa na atividade, cuja preocupação maior é de ordem financeira e não artística. À empresa televisiva importa ter retorno comercial e o sucesso ou fra-

casso de uma empreitada se mede pelo resultado alcançado neste parâmetro. A realização artística é secundária e pode às vezes inclusive ser concomitante ao sucesso comercial. A consequência disso é que a profissão de ator sofreu entre nós grave aviltamento.

Se for do interesse da indústria - e é um interesse justo do ponto de vista comercial, que tem resultados fabulosos, como sabemos - qualquer um pode ser aproveitado nesta atividade e se tornar, da noite para o dia, um ator ou uma atriz. E tornam-se realmente, no modo de perceber da maioria da população, e são socialmente reconhecidos como tal. Daí vem a percepção de que para ser ator não é necessária qualquer formação específica. Ninguém jamais poderia imaginar um pianista que não soubesse tocar piano, que não tivesse estudado e/ou praticado muito com seu instrumento. Mas para um ator brasileiro isso pode parecer normal. Para tornarmos-nos atores aqui precisamos de alguma outra coisa, que pode ser notoriedade (vinda, por exemplo, de ter sido o destaque de alguma escola de samba), ou beleza, ou o que for que os executivos da empresa televisiva achem que vá ser útil na conquista da audiência. O resultado disso é a desimportância dada ao estudo e ao trabalho diário na formação do ator.

Descrença

Ouvimos, muitas vezes, grandes atores afirmarem que não acreditam em escola para ator. Seria possível a um músico afirmar algo parecido? Neste caso, aquilo que distinguiria um ator de um não ator seria uma espécie de escolha divina. Alguns foram abençoados, merecem fama, prestígio, dinheiro. Já outros devem se resignar em não ter o que não mere-



Leonard Zubler

A bela camponesa

cem. Não foram escolhidos. E assim nos afastamos do trabalho, da persistência, da paciência necessários à formação de um artista.

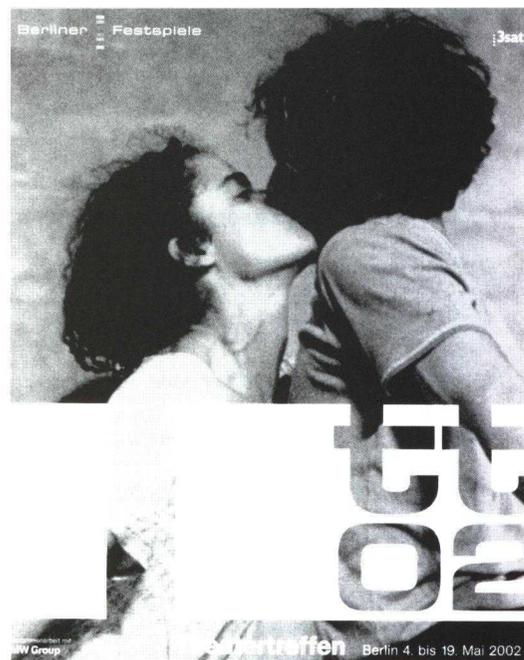
A diferença entre os atores (de teatro) brasileiros e alemães é que entre nós não é raro encontrarmos alguns exercendo o ofício totalmente despreparados para a função, a despeito de serem por vezes muito famosos. Não digo que somos piores do que os alemães. Não se trata disso. Chamo a atenção para a urgência da conscientização, por parte daqueles malucos que ainda querem fazer teatro, da exigência de treinamento específico. O que ocorre, se compararmos nosso teatro com o alemão, é que a diferença está nos atores medianos, que lá possuem, no mínimo, um bom preparo básico para o exercício do ofício. Nossos grandes atores são tão bons ou melhores do que os deles, a despeito de terem tido, por vezes como única possibilidade, a prática constante como maior mestre. Ela é, de fato, nosso grande mestre, mas pode e deve ser ajudada com estudo e treinamento.

DEDICAÇÃO

Em Santa Catarina, por outro lado, muitas vezes nos deparávamos com grupos de extrema dedicação ao teatro - nas horas que lhes sobravam da labuta diária pelo pão - e resultado muito insatisfatório, levando-se em conta a falta de referências práticas, trocas e intercâmbios, impossibilidade de ver coisas boas e novas, saber o que anda sendo feito pelo mundo. Isso não quer dizer que a qualidade humana é pior. Pode querer dizer, sim, que ela não teve condições de se desenvolver. No Rio, em menor escala, mas ainda assim de maneira incisiva,

também padecemos disso. Uma das primeiras coisas a se fazer, quando se pretende ser ator, diretor ou qualquer coisa dentro desta atividade, é assistir a tudo o que for possível. Desarmar nossos preconceitos e ver tudo o que há para ser visto, apreender tudo que estiver a nosso alcance, entender o melhor possível onde estamos, o que fazemos e que caminho podemos pessoalmente construir. Não seguir, mas construir. E um contato com uma cultura alienígena pode ser um grande salto para isso.

Moacir Chaves é diretor teatral



ATORES DE LAURA: GRUPO FESTEJA 10º ANIVERSÁRIO

Quando Daniel Herz e Susanna Kruger começaram a dar aulas para adolescentes na Casa de Cultura Laura Alvim, em 1988, talvez pudessem supor que o namoro de um ano duraria outro tanto, ou quem sabe ficariam juntos por mais tempo - acabaram juntando os trapinhos durante 13 anos, daí resultando duas gracinhas que atendem por Daniel (8 anos) e Débora (4). Mas dificilmente imaginariam que os cursos se converteriam no embrião de um dos grupos teatrais cariocas mais marcantes dos anos 90, os Atores de Laura, que em 2002 comemora 10 anos de existência.

Com 10 espetáculos encenados, 13 prêmios (33 indicações), dois livros publicados e muitos projetos - o próximo talvez seja a montagem simultânea de duas obras do fabuloso bardo, *Sonho de uma noite de verão* e *Muito barulho por nada* - o grupo Atores de Laura levou à cena este ano uma excelente versão de *As artimanhas de Scapino*, de Molière (na tradução de Carlos Drummond de Andrade, que publicamos nesta edição, o título escolhido pelo poeta foi *Malandragens de Escapino*), que recebeu três indicações para o Prêmio Shell de Teatro: direção (Daniel), ator (Charles Fricks) e figurino (Heloísa Frederico).

Em entrevista concedida a Lionel Fischer, Daniel e Susanna recordam o início de suas carreiras, apontam suas principais influências, explicitam os objetivos do grupo e revelam planos para o futuro, entre outros temas.



Niza Simões

Decote: criação coletiva inspirada na obra de Néelson Rodrigues

Cadernos de Teatro - O que levou vocês ao teatro?

Daniel - Na adolescência, eu tive uma grande decepção religiosa, que determinou uma crise existencial que tinha como ponto crucial a sensação de que a vida era um absurdo, não fazia o menor sentido. Então eu imaginei que aquela sensação de vazio talvez pudesse ser preenchida com o teatro. Soube que o Clovis Levy estava dando um curso na Divina Providência e me inscrevi.

Susanna - Meus pais haviam sido cantores de ópera e lá em casa a arte era sempre um assunto presente. Durante a infância, tive muitas dúvidas entre ser cantora, bailarina ou pianista. Mas acabei achando que, no teatro, poderia ser as três coisas. Então, aos 15 anos, entrei para o Tablado, e fazia aula cinco dias por semana.

CT - Com quem você estudou no Tablado?

Susanna - Com a Maria Clara Machado, Louise Cardoso e Bernardo Jablonski. E mais adiante entrei no grupo Tapa. Quando houve uma cisão nele e o diretor Eduardo Tolentino foi para São Paulo com alguns atores, comecei a trabalhar com Eduardo Wottzik. Essa parceria durou seis anos e me permitiu participar de um projeto maravilhoso: o Festival de Teatro Brasileiro.

CT - Quando vocês começaram a dar aulas, elas obedeciam a algum objetivo específico?

(Nesse momento, os dois começam a falar ao mesmo tempo, o que tornou deliciosamente árdua a tarefa de converter em diálogo o que parecia ser um monólogo bem ensaiado)

Daniel - O objetivo dos cursos era e continua sendo

o mesmo, que inclusive norteou o trabalho do grupo, fundado mais adiante: orientar o trabalho no sentido de valorizar o ator.

Susanna - Fazer teatro a partir do ator, que no palco encontraria seu verdadeiro espaço.

Daniel - E também desvincular a atuação do real.

Susanna - Nós sempre acreditamos que a realidade deve ser distorcida no palco, jamais reproduzida.

Daniel - Afora isso, os cursos sempre nos ajudaram a melhorar como atores, pois podemos observar de fora o resultado daquilo que propomos aos alunos e a nós mesmos.

CT - A maioria dos estudiosos não hesita em afirmar que as principais realizações do teatro brasileiro sempre foram fruto do trabalho de grupos e companhias. Vocês concordam?

Daniel - Sem dúvida. Ter um grupo significa a possibilidade de você ser dono da sua própria história.

Susanna - Além disso, para se realizar alguma coisa significativa no teatro é preciso que todos sintam total confiança uns nos outros. E isso só é possível num grupo.

Daniel - E ter um grupo também significa que você só vai fazer o que te parece essencial.

CT - A Susanna usou a expressão “total confiança” como sendo uma premissa básica do trabalho em grupo. Como se chega a ela?

Susanna - É claro que o tempo e a convivência vão aos poucos estreitando os laços entre todos, e a confiança mútua vai se solidificando cada vez mais. Mas nós tivemos absoluta certeza de que nossos projetos só poderiam ser bem sucedidos se conseguíssemos fazer da ética um dos pilares da companhia.

Daniel - E isso implica não apenas em ser totalmente verdadeiro em todos os momentos, mas também no

respeito absoluto pelo outro. E esse respeito inclui disciplina, rigoroso cumprimento de tudo que foi combinado, assim como um cuidado muito grande com o espaço em que trabalhamos.

CT - Como assim?

Daniel - Todos são responsáveis pela limpeza do palco, platéia e camarins. Seria risível pretender chegar a um resultado interessante lidando de forma desleixada com o espaço em que trabalhamos diariamente.

CT - À exceção de *As artimanhas de Scapino*, que o Daniel dirigiu sozinho, todos os demais espetáculos do grupo levam a assinatura de vocês dois. Como é dirigir em dupla? Há alguma divisão prévia de tarefas?

Susanna - Não, não há uma divisão rígida de funções. Nós acreditamos que o equilíbrio decorre da mescla da força feminina e masculina. Nossos olhares sobre a cena se complementam, com cada um segurando os “surtos” do outro.

CT - Qual de vocês costuma surtar mais? (Risos)

Daniel - Acho que é meio a meio...

CT - Dizem que vocês são um tanto obsessivos quando ensaiam. Isso é verdade?

Daniel - Sem dúvida. Nós acreditamos piamente na eficácia de se repetir incontáveis vezes uma cena. Só assim se chega a um resultado interessante.

CT - E qual é a duração média do período de ensaios?

Susanna - Em torno de seis meses.

CT - Por que vocês resolveram montar *As artimanhas de Scapino*?

Daniel - Nós estávamos realizando estudos sobre a *Commedia d'ell Arte* e o texto de Molière tem muito do gênero, inclusive personagens equivalentes a alguns da *Commedia*.

Susanna - A peça também permitia um trabalho que



Luciana D'ajuda

Cartão de embarque, de Bruno Levinson e Daniel Herz, fez temporadas no Rio e em São Paulo

extrapolasse o cotidiano, que é o que buscamos sempre.

CT - Mudando um pouco o nosso foco: vocês já estão separados há dois anos e mesmo assim continuam a trabalhar juntos, o que não deixa de ser surpreendente. Foi muito difícil conseguir isso?

Daniel - É claro que toda separação implica em sofrimento. Mas assim que nos juntamos, para nós ficou claro que estávamos a fim de criar juntos não apenas uma trajetória teatral, mas também de vida. E se não somos mais marido e mulher, isso não significa que nossa parceria artística tenha que ser desfeita.

Susanna - Não haveria nenhuma razão para isso acontecer. Na próxima montagem do grupo talvez o Daniel dirija e eu atue, ou vice-versa. O importante é que continuamos a acreditar na força conjunta de

nosso trabalho.

CT - Já existe algum espetáculo previsto?

Daniel - Na verdade, dois. Estamos pensando seriamente em fazer ao mesmo tempo *Sonhos de uma noite de verão* e *Muito barulho por nada*, de Shakespeare. E há também a possibilidade de fazermos alguma remontagem.

CT - E enquanto isso não fica decidido, vocês estão desenvolvendo alguma atividade paralela à exibição de *Scapino*?

Susanna - Bem, como você sabe, nós administramos há dois anos o Teatro Miguel Falabella. Então, aproveitando que temos à disposição este espaço maravilhoso, estamos promovendo, entre outras atividades, encontros quinzenais às segundas-feiras com profissionais ligados às artes cênicas, que dão

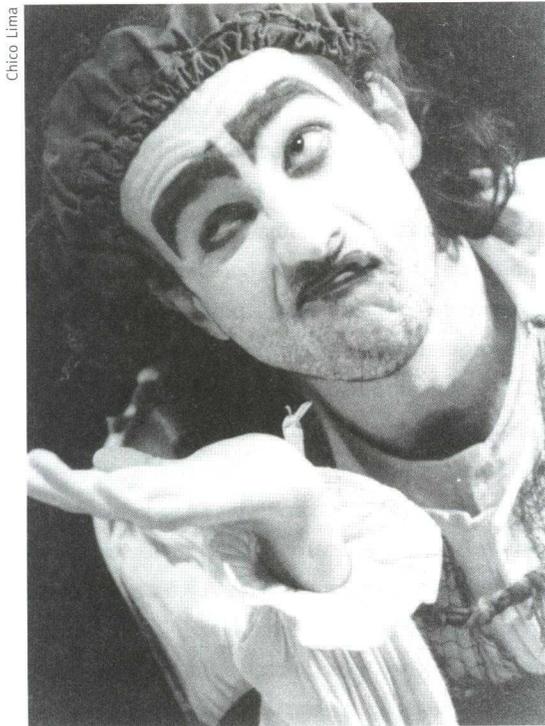
palestras para o grupo. Recentemente tivemos um encontro maravilhoso com Marlene Soares dos Santos, uma especialista em Shakespeare.

CT - Para terminar: vocês destacariam alguém que tenha ajudado ou influenciado vocês?

Daniel - Nós temos uma gratidão eterna para com o Rubens Corrêa, o Ivan de Albuquerque (já falecidos) e a Leyla Ribeiro, fundadores do Teatro Ipanema. Nós freqüentamos muito a casa deles e eles sempre nos deram a maior força.

Susanna - Tanto é assim que nosso primeiro espetáculo, *A entrevista*, estreou no Ipanema. Rubens, Ivan e Leyla são pessoas fundamentais na nossa história.

Charles Fricks, protagonista de *As artimanhas de Scapino*



Chico Lima

Os ESPETÁCULOS

A entrevista (92/93) - texto de Bruno Levinson e Daniel Herz. Depois de seis meses em cartaz no Teatro Ipanema, no Rio, o espetáculo foi exibido em São Paulo e em Brasília.

Cartão de embarque (94) - texto de Levinson e Herz. Temporadas no Rio e em São Paulo.

Sonhos de uma noite de inverno ou Julliest's birthday (95) - o grupo e atores convidados apresentaram 50 cenas de comédias, tragédias e dramas históricos de Shakespeare por todas as instalações da Casa de Cultura Laura Alvim. Espetáculo itinerante, teve apenas uma representação, encerrando o Forum Shakespeare no Rio.

Romeu e Isolda (95/96/97) - criação coletiva da companhia. O espetáculo representou o Brasil na Biennale Théâtre Jeunes Publics (Lyon, França, junho de 97).

Decote (96/97) - criação coletiva inspirada na obra de Néelson Rodrigues. Após três meses em cartaz no Rio, participou do VI Festival de Teatro de Rezende (RJ) e também da II Mostra SESI de Artes Cênicas, em São Paulo, excursionando pelo interior do estado a convite do SESC.

O julgamento (98) - adaptação de Herz do texto *A visita da velha senhora*, de Friedrich Dürrenmatt. Temporada de três meses na Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio.

A casa bem assombrada (98) - texto de Susanna Kruger, primeiro espetáculo do grupo dirigido ao público infantil. Cumpriu temporada no Rio e representou o Brasil no Festival Internacional de Teatro para a Infância, na Turquia.

O auto da Índia ou Arabutã (99) - criação coletiva, a montagem se apresentou no Rio e em São Paulo.

A flauta mágica (99) - livre adaptação da ópera de Mozart feita por Antônio Guimarães e Celso Lemos. Cumpriu dois meses de temporada no Teatro Carlos Gomes (RJ).

As artimanhas de Scapino (2002) - texto de Molière. Temporada de quatro meses no Teatro Miguel Falabella, prosseguindo carreira no Teatro Laura Alvim.

PUBLICAÇÕES & EVENTOS

A entrevista e Cartão de embarque - reunidos num volume, os dois textos foram publicados pela editora Relume-Dumará (94).

Romeu e Isolda/ Decote - o mesmo ocorreu com as duas peças, publicadas pela Garamond Editora (97)

Prêmio Coca-Cola de Teatro Jovem - apresentação e criação da festa de entrega do prêmio no Rio e em São Paulo (96/97)

Buscas, rupturas e transgressões: processos cênicos de companhias de repertório - patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, o projeto reuniu grupos representativos do novo teatro brasileiro, no Centro Cultural São Paulo (97). Neste evento, os Atores de Laura compareceram com os espetáculos *Romeu e Isolda* e *Decote*.

Ciclo de leituras de Brecht - realizado no Teatro Dulcina, no Rio, em 98. O grupo leu *O círculo de giz caucasiano*.

Melodramas do picadeiro - ciclo de leituras dramatizadas de peças circenses dos anos 40/50. O grupo leu *O mundo não me quis*, de A. Peres Filho, no Teatro Gonzaguinha (Fundação Calouste Gulbenkian), em 98. No ano seguinte, participou do mesmo evento interpretando *As rosas de nossa senhora*, de Celestino Silva.

Festival de Curitiba - a companhia apresentou *A flauta mágica*, em 2000.

Teatro Miguel Falabella - o grupo assume a direção artística e administrativa desta casa de espetáculo.

Minissérie - a convite da TV Globo, o grupo participou da minissérie sobre a vida de Chiquinha Gonzaga, atuando como uma companhia da época que contava teatralmente a história da maestrina.

PRÊMIOS & INDICAÇÕES

Cartão de embarque - indicação nas categorias texto e direção no Prêmio Coca-Cola de Teatro Jovem.

Romeu e Isolda - Prêmio Shell de iluminação (Aurélio de Simoni). Cinco indicações para o Prêmio Coca-Cola de Teatro Jovem, conquistando direção (Daniel Herz e Susanna Kruger) e cinco indicações para o Prêmio Cantão de Teatro Adolescente, ganhando nas categorias espetáculo e atriz (Ana Paula Secco).

Decote - prêmios nas categorias texto, direção e espetáculo no VI Festival de Teatro de Rezende (RJ). A montagem recebeu as mesmas premiações no Prêmio Coca-Cola de Teatro Jovem (96).

A flauta mágica - indicação para o Prêmio Coca-Cola de Teatro Jovem nas categorias ator (Daniel Herz), direção (Herz e Susanna Kruger), figurinos (Ronald Teixeira), iluminação (Aurélio de Simoni), revelação (Helena Stewart e Paulo Hamilton), autor (Celso Lemos e Antônio Guimarães), produção e espetáculo, vencendo nas categorias revelação, produção, iluminação e espetáculo.

As artimanhas de Scapino - indicação para o Prêmio Shell (2002) nas categorias ator (Charles Fricks), diretor (Daniel Herz) e figurinos (Heloísa Frederico).



pensando Teatro

SÉRGIO FONTA

Como se não bastasse suas crises cíclicas, o teatro brasileiro perdeu, em menos de 30 anos, muitos de seus pensadores, ficando mais só na radiografia de seus sonhos, problemas e ambições. Nesse período já se foram Anatol Rosenfeld, Luiza Barreto Leite, Yan Michalski e Décio de Almeida Prado, entre muitos outros. E também dramaturgos do porte de Oduvaldo Vianna Filho, Paulo Pontes, Plínio Marcos e Dias Gomes que, além de criarem peças antológicas sobre desigualdade social, repressão, sincretismo e excluídos, se inseriam entre aqueles que melhor analisavam a trajetória do teatro nacional em todas as suas vertentes, deficiências e possibilidades. É só checar obras como *Papa Highirte*, *Rasga coração*, *Dois perdidos numa noite suja*, *A invasão*, *O pagador de promessas* e *Gota d'água*, entre tantas mais que eles escreveram, para constatar que o Brasil e o brasileiro lá estavam no centro da ação e da batalha. Com a mesma sintonia e acuidade que demonstravam quando teorizavam (será este o verbo?) sobre teatro e o pensavam com extremo amor e lucidez.

Em 1975, em entrevista concedida ao extinto Livro de cabeceira do homem (Ed. Civilização Brasileira), Paulinho Pontes nos dizia:

"(...) O que acontece é que este país não tem direito de transferir de geração para geração o que cada geração acumula. Entre o esforço de uma geração e outra, tem sempre uma moda colonialista fazendo um corte no meio e criando esse fosso entre as gerações. Na minha geração, por exemplo, tive que aprender tudo do zero. Com você vai ser a mesma coisa. Quando chegarmos na nossa maturidade, descobriremos que mil caminhos percorridos foram errados e inócuos, pois já tinham sido percorridos no passado e não sabíamos. Um esforço bom que se faria era tentar levantar uma bibliografia séria de todas as gerações. A gente ia descobrir que há uma história da cultura brasileira a ser contada. Há uma experiência de espetáculos mais do que centenária e que o jovem homem de teatro não precisa começar sua vida criadora do nada. Há uma história do teatro brasileiro feita pelos nossos coroas. Eles foram muito bacanas. Se você visse a luta do velho Oduvaldo Vianna, Armando Gonzaga, França Jr., a luta ideológica dessa geração para fazer teatro com prosódia brasileira, se isso fosse contado sem preconceito, nossa geração teria que se ajoelhar diante desses velhos. Se você visse a luta contra a censura dos comediógrafos dos anos 40, como era participante essa luta, tão próxima de nossos ideais. Mas a gente nasce para contestar em bloco o que nos precedeu por ignorância e porque a geração anterior não nos entrega bastão nenhum. Isso é uma vitória do colonialismo cultural sobre nós. Essa pulverização da nossa história é vitória. Eles gostam de nos ver seccionados, cada um no seu canto, só, e por isso, frágil. Não gostam de nos ver unidos às gerações que tiveram os nossos mesmos ideais".

Bandeiras

Era ou não era pensar teatro? Posturas ou colocações deste quilate, volta e meia, faltam em nossa tribo, apesar de nomes como Sábato Magaldi, Maria Thereza Vargas, Mariângela Alves de Lima, João Roberto Faria, Maria Helena Kühner, Gerd Borheim (recentemente falecido) - ao lado dos nossos Guarnieris, Joãos das Neves, Aderbais, Antunes e Zé Celsos de ontem, de hoje e outros que estão chegando - continuarem fincando bandeiras, luzes e posições. Mas, de um modo geral, na atual *intelligenza*, sem contar os exemplos acima e mais alguns poucos, ou se fazem verdadeiros tratados acadêmicos - indispensáveis ao perfil de nossa história cênica, porém, restritos a estudiosos e pesquisadores - ou tudo se superficializa, se banaliza em matérias circunstanciais e episódicas na imprensa.

Torna-se, portanto, cada vez mais oportuna a realização de seminários, simpósios e congressos que busquem uma perspectiva histórica, que organizem as idéias e tendências, que procurem situar o momento presente embasados no passado e de olho no futuro. Como ocorreu no I Congresso Brasileiro de Dramaturgia, promovido recentemente em São Paulo pela Sociedade Brasileira de Autores (SBAT), ao lado do Instituto Cultural Chiquinha Gonzaga e contando com o apoio de diversas entidades paulistas, tudo sob a iniciativa e curadoria do diretor e autor Hersch Basbaum.

AGLUTINAÇÃO

Quando o assunto é Dramaturgia e, em especial, dramaturgia brasileira, terreno tão cobrado por alguns de nossos colegas, que reivindicam mais qualidade neste setor - ela existe, porém, muitos preferem negar, ou mesmo, não conseguem detectar - fica evidente a necessidade de uma aglutinação para pensar junto. Por isso foi um êxito o I Congresso Brasileiro de Dramaturgia. Neste evento se pensou Teatro. Em alto nível. Questões fundamentais foram discutidas em conjunto, debateu-se, especulou-se, definiu-se. Uma procura expressiva de espectadores, com mais de 300 inscrições, quase 100% de frequência, durante os três dias do Congresso, de nove da manhã às nove da noite, com 33 palestrantes e intensa participação de uma platéia ávida que lotou o Teatro Sérgio Cardoso, onde aconteceram os painéis, sempre pronta a ouvir e a questionar.

Nomes como Lauro César Muniz, Sergio Carvalho, Tânia Brandão, Aimar Labaki, Bosco Brasil, Alberto Guzik, Gianni Ratto, Luiz Carlos Saroldi, Tanah Corrêa, Chico de Assis, Analy Alvarez, Carlos Mecen, Jorginho de Carvalho e José Celso Martinez Corrêa, entre muitos outros, lá estiveram enfocando a dramaturgia sobre os mais variados aspectos, falando sobre teatro político, teatro engajado, teatro dialético, o dramaturgo e a modernidade no tema, no texto e na montagem, visões atuais da História do teatro brasileiro, a evolução da cenografia e da luz sob o prisma dramatúrgico, o melodrama, a consolidação da dramaturgia feminina, o teatro e o rádio, a

dramaturgia no teatro de estádio, além de abordar a problemática do direito autoral com a palavra dos especialistas Sérgio D'Antino e José Carlos Costa Netto. Enfim, tudo o que diz respeito ao motivo primeiro do congresso foi exaustivamente analisado, ajudando a delinear um pensamento teatral brasileiro de hoje. Uma overdose saudável do palco e seus alicerces.

O EVENTO

O I Congresso Brasileiro de Dramaturgia foi aberto pelo jornalista e escritor Carlos Eduardo Novaes, presidente da SBAT, e pelo dramaturgo e romancista argentino Augustin Perez Pardella (presidente da Argentores, a sociedade de direito autoral portenha, e indicado, nada mais, nada menos, para o Prêmio Nobel de Literatura de 2002, o que pouca gente sabe por aqui). Contou também com a participação de vários órgãos e entidades como as secretarias Estadual e Municipal de Cultura do Estado de São Paulo, a Confederação de Teatro Amador, a Apetesp e diversos grupos teatrais, que se apresentaram nos intervalos dos painéis.

Houve também homenagens, uma delas dedicada a Tatiana Belinky, autora e diretora que profissionalizou o teatro infantil em São Paulo, em 1948 (mesmo ano em que, no Rio, o fazia Lúcia Benedetti, sendo sucedida, tempos depois, pela sempre eterna e querida Maria Clara Machado). Aos 80 anos, Tatiana Belinky, que já escreveu 90 livros, transmite uma vitalidade, uma firmeza e um entusiasmo dignos de registro e de respeito.

AGÊNCIA

Durante o I Congresso foi também sugerida a criação de uma agência de autores que congregasse e divulgasse dramaturgos de todo o Brasil filiados à SBAT, com leituras de textos e debates internos, visando uma posterior veiculação desses textos e sinopses através de ciclos, edições ou até mesmo via internet. A idéia foi recebida de forma tão entusiástica que a agência até já conseguiu um local para funcionar - Espaço Cultural Lélia Abramo (SP) -, sob a coordenação do ator Bicudo Jr. E agora começa a formatar seus principais objetivos:

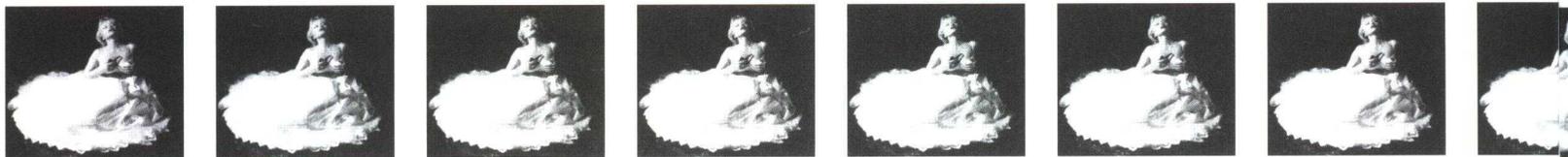
- 1) Desenvolvimento e divulgação dos autores.
- 2) Criação de um controle de qualidade e um banco de textos.
- 3) Intercâmbio entre autores e atores.
- 4) Estruturação de uma comissão para estudar textos.

Este último item obedecerá ao seguinte cronograma: uma vez concluída a primeira triagem de textos, eles serão apresentados, em leitura, a uma platéia específica formada por produtores, elencos, grupos e companhias. Uma vez lida a peça, serão confeccionados, a cada dois meses, livretos contendo todas as informações sobre as peças, as quais serão oferecidas em escolas, faculdades de teatro e similares. É o autor indo à luta por seu espaço de forma concreta, um dos frutos do I Congresso que, além de discutir idéias, parte para a ação e a para dinamização de seus objetivos.

O próximo Congresso Brasileiro de Dramaturgia, uma usina de pensar teatro que esteve e estará aberta a todos os interessados, deverá ser efetivado novamente daqui a dois anos, no Rio de Janeiro. Pouco a pouco, ele irá sedimentando-se e distribuindo-se em outras capitais em busca de um mapa do Brasil. Não o mapa que Cabral procurou traçar e, sim, o mapa de Dionysos, que demarca as regiões com a emoção e a técnica, através de palcos, peças, gambiarras, urdimentos, coxias e refletores. E aplausos.

Festival Internacional de Teatro São José do Rio Preto

DEMÉTRIO NICOLAU



She was and she is, Eve, espetáculo do belga Jan Fabre

Imagine um festival de teatro na cidade do Rio de Janeiro que:

- apresentasse 1.216 espetáculos (224 somente de peças cujo tema fosse Antonin Artaud (!), interpretadas apenas por grupos da cidade;
- fizesse 2.880 apresentações;
- envolvesse 9.600 artistas;
- tivesse 272.000 ingressos postos à venda (dois Maracanãs);
- e, contando com os espetáculos de rua, tivesse atingido a marca de 2 milhões e 400 mil espectadores.

Loucura?

Estes são os números, em comparação populacional, do Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto, que aconteceu entre 17 a 28 de julho de 2002 nesta cidade de 358 mil habitantes, no interior de São Paulo. Nestes 12 dias foram apresentados 76 espetáculos, com um total de 180 apresentações, 600 artistas (o SESC serviu 4.800 refeições), 17 mil ingressos postos à venda e 150 mil espectadores na avaliação final.

O Festival é uma realização do SESC São Paulo em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, Secretaria de Estado da Cultura e Ministério da Cultura. Esta é a 32ª edição do Festival, que começou amador, profissionalizou-se e realizou este ano sua segunda edição internacional. As homenagens a Antonin Artaud, com 14 espetáculos apresentados por grupos locais, e Ariano Suassuna, com uma mostra de 5 espetáculos, privilegiaram estéticas distintas, ainda que fundamentais à história do teatro, seja do ponto de vista universal, seja por relacionar-se à cultura popular brasileira.



Impacto

Da Austrália veio o espetáculo *The field*, com a companhia Strange Fruit. O grupo apresentou uma montagem de contundente impacto visual. Os oito atores-dançarinos interpretam nas alturas, em cima de mastros a 4,5 metros do solo. No mundo do teatro de rua eles ocupam uma posição de primeiro plano. Nos últimos seis anos, o Stange Fruit se apresentou em 30 países, em mais de 170 festivais internacionais.

Poema

Da Bélgica o Festival trouxe dois espetáculos de Jan Fabre. A peça *She was and she is, Eve*, com texto, direção e cenografia de Jan Fabre, que descreve seu trabalho como um poema de amor. Este monólogo, interpretado pela atriz Els Deceukelier, é um conto sobre uma noiva desesperada, amarrada firmemente em um impenetrável vestido. Desprezada e amada, ela se sente como uma santa e uma máquina de sexo: "Minha única função é perpetuar o amor, outra vez, outra vez...!"

O outro é um espetáculo de dança solo, *My movements are alone like streetdogs*, interpretado por Erna Omarsdottir, da Islândia, com coreografia e cenografia de Jan Fabre. A imagem inicial é atordoante: uma pequena dançarina divide o palco com três corpos de cachorros estrategicamente suspensos no ar ou deitados no chão.

Palhaços

Completando o naipe de atrações estrangeiras, o espetáculo *Once... love, tears and broken hearts*, da companhia Derevo, de Leningrado. A peça é um conto de fadas sobre o amor. Um trágico amor infeliz encenado por palhaços.

Artaud

Da mostra Antonin Artaud tivemos os seguintes espetáculos:

Le cou de la balerine (Grupo Âmnio)/ *Sensores de amores* (Cia Duncan)/ *Quem pensa que entendeu, não entendeu, entendeu?* (Cia Recriapalhando)/ *Biópsias de Artaud* (Teatro D'Essência)/ *Tormento* (Grupo Lebec)/ *Malditos* (Grupo Alquimia Teatral)/ *Cartaamarga-aosdirigentesdabiliscrua* (Núcleo Luzes da Ribalta)/ *Engolindo Artaud* (Cia Beco do Baco)/ *Fenomenologia do sofrimento* (Companhia Palhaços Noturnos)/ *Amoredor* (Grupo Desafio)/ *On Jacks tall* Artaud (GRT - Grupo Teatral Riopretense)/ *Artaudominado...Artaudominante...Artaudoado* (Super Sonic Boys) *A questão que se coloca* (Grupo Fulano de Tal)/ *Cadafalso* (Tokaiia Cia Teatral)/ *Cantiga para ninar o suicidado...* (Grupo Jabá com Jaca)

The Field, representante da Austrália: os atores-dançarinos atuavam em cima de mastros, a 4,5 metros do solo



Suassuna

O núcleo Ariano Suassuna apresentou 5 obras do mestre pernambucano de 75 anos, consagrado por seu talento e pela eterna defesa da cultura brasileira:

Auto da Compadecida, a obra-prima do autor (Grupo Velho é a Vovozinha - Terceira Idade), do SESC Rio Preto/ *Auto do novilho furtado* - adaptação de *A pena e a lei* (Companhia Pop de Teatro Clássico, RJ)/ *A farsa da boa preguiça* (Confraria da Paixão, RJ)/ *O santo e a porca* (Cia de Teatro Medieval, RJ)/ *Auto do estudante que se vendeu ao diabo* - montagem inspirada no universo mágico da literatura de cordel, do cavalo marinho e do teatro de saltimbanco medieval (Grupo Grial, PE).

Crianças

O teatro para crianças foi representado, entre outros, por espetáculos como *Cyrano de Berinjela* (Cia de Teatro Artesanal, RJ), *Cidade azul* (Cia Truks, SP), *O patinho feio* (com Ricardo Blat, RJ) e *A princesa Jia* (As Meninas do Conto).

Adultos

Entre muitos outros espetáculos, podemos citar:

Bispo - com João Miguel, da Bahia/ *Os camaradas* - Cia Carona de Teatro, de Santa Catarina/ *DNA* - Associação de Teatro Radicais Livres, do Ceará/ *O homem e o cão* - Ateliê de Criação Teatral do Paraná (ACT)/ *Calendário da pedra* - Denise Stoklos/ *Hamlet* - de Francisco Medeiros Hysteria (SP)

Do Rio de Janeiro, estiveram presentes a Cia Amok Teatro (O carrasco e Cartas de Rodez)/ a Grande Cia Brasileira de Mistérios e Novidades (*Navelouca* e *O tao do mundo*)/ a Cia dos Atores (*Meu destino é pecar*)/ a Cia Pequod de Teatro (*Sangue bom*)/ além de *Inutilizas*, com Bianca Ramoneda e Gabriel Braga Nunes, direção de Moacir Chaves; e *O falcão e o imperador*, com Letícia Spiller e Jac Fagundes.



Espaços

Além dos teatros tradicionais, foram utilizados no evento algumas praças, um circo, o Clube do Lago e o ginásio do SESC. Para o agito de fim-de-noite, havia o lugarUMBIGO, a Milonga, A Casa da Dança e a MPBeer, com performances e shows de música e dança. O lugar UMBIGO substituiu o famoso “Não-Lugar” do ano anterior. Ele está situado em um prédio da Prefeitura, que há alguns anos abrigou a Biblioteca Municipal. O título do espaço faz referência ao primeiro texto teatral do francês Antonin Artaud (*L’ombilic des limbes*, escrito em 1925), teatrólogo-chave para a curadoria desse festival.

Nesse texto, Artaud fala da sua totalidade, lugar inaugural de seu discurso e de sua trajetória artística, e também em uma perspectiva mítica - o umbigo era considerado pelos gregos como o centro do mundo, ponto de reunião do céu, da terra e do Hades, o inferno. Nesse sentido, o lugarUMBIGO assume a função de um lugar fundador. Cerca de 90% das intervenções no lugarUMBIGO foram inéditas, preparadas especificamente para o festival e em cima da obra de Artaud

Eficiência

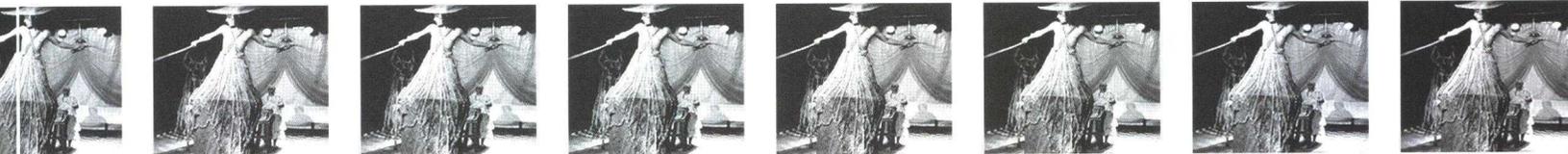
Um capítulo à parte é a efficientíssima organização do Festival, que acontece sempre no período de férias escolares. Com uma experiência acumulada de 33 anos, tudo funciona perfeitamente. Qualquer pedido de qualquer grupo é solucionado com incrível rapidez e profissionalismo.

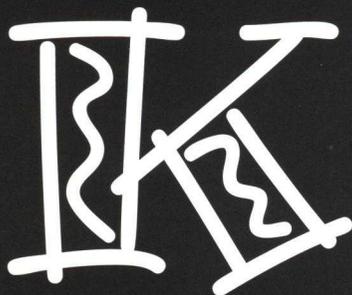
De acordo com a coordenação do SESC, são dez “anjos” que acompanham toda a movimentação das companhias desde a chegada, cuidando da hospedagem, alimentação e apresentações. O transporte dos grupos é feito através de 30 micro-ônibus e kombis da Secretaria de Educação, sendo que o SESC disponibiliza ainda uma base de atendimento às companhias, que inclui diversos responsáveis por setores como viagens, hospedagem, pagamentos, coordenações técnicas e o que mais for necessário. E todos são extremamente prestativos e de altíssimo astral.

Parabéns, portanto, ao SESC SP, à Prefeitura de São José do Rio Preto, à Secretaria de Estado da Cultura e ao Ministério da Cultura. É grande o Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto. Em tudo. Até no nome.

Demetrio Nicolau é Superintendente Geral da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores) e viajou a convite do Festival para a apresentação de *Auto do novilho furtado*, de Ariano Suassuna, que tem direção sua.

Tao do mundo, espetáculo da Grande Cia Brasileira de Mystérios e Novidades



**KALIDASA (440 D.C)**

Poeta indiano, autor três dramas: *Malavikagnimitra*, *Vikramorvasiya* e *Sakuntala*, este último considerado a obra dramática mais importante da literatura da Índia. Seu tema central é o amor secreto do rei Dusyanta por Sakuntala, filha adotiva de um eremita. O poder de caracterização e a beleza da linguagem de Kalidasa levaram muitos estudiosos a compará-lo a Shakespeare.

KANTOR, Tadeusz (1915-1990)

Pintor, cenógrafo e diretor polonês. Fundou o teatro experimental Cricot 2, em Cracóvia, em 1955. Dentre seus espetáculos da fase inicial, destacam-se *O louco e a monja*, *No armário* e *A galinha aquática*. Com este último - apresentado no Festival de Nancy (1971) - e com *Os bonitos e os feios* (1974), realiza excursões por toda a Europa e conquista o público internacional, graças ao caráter surpreendente das montagens. Kantor utilizou técnicas do happening e valeu-se de colagens. Mas são seus quatro espetáculos seguintes que o convertem em uma das figuras emblemáticas do teatro do final do século XX: *A classe morta* (1975), *Wielopole, Wielopole* (1980), *Que rebentem os artistas!* (1985) e *Não voltarei jamais* (1988). Nesta tetralogia, em que aborda a própria infância, a experiência da guerra e as vicissitudes da existência humana, Kantor materializa um personalíssimo estilo teatral, que sintetiza algumas das propostas mais marcantes do teatro nos anos 60/70: improvisação, expressão corporal, Teatro da Crueldade, Teatro do Absurdo, distanciamento, utilização de manequins e renúncia ao texto.

T E X T O P A R A E S T U D O

Os anjos cercavam Marilda, um de cada lado,
porque Marilda ao nascer ganhou dois anjos da guarda.

Em vez de ajudar, atrapalhou.

Um anjo queria levar Marilda a festas, o outro à natureza.

Brigavam entre si, e a moça não sabia a qual deles obedecer.

Queria agradecer aos dois, e acabava se indispondo com ambos.

Tocou-os de casa.

Ficou sozinha, sem apoio espiritual mas também sem confusão.

Os dois vieram procurá-la, arrependidos, pedindo desculpas.

- Só aceito um de cada vez.

Passa uns tempos comigo, depois mando embora, e o outro fica no lugar.

Dois anjos ao mesmo tempo é demais.

Agora Marilda é o anjo da guarda dos seus anjos, um de cada vez.

Excesso de companhia

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Sugestão para estudo:

Este delicioso texto, extraído do livro infantil *Vó caiu na piscina*, tem na singeleza e no humor suas principais características. O aluno deve trabalhá-lo como se fosse contá-lo a uma criança, ou seja, sem pressa e valorizando cada novo dado que surge.

MÚLTIPLA ESCOLHA

Aproveitando que esta edição dedica muitas páginas a Molière, vamos centrar nosso foco no maior comediógrafo da História: o francês Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673).

1 Contrariando a vontade de seu pai, que desejava vê-lo seguir sua profissão - estofador ordinário del-Rei -, Jean-Baptiste, após estudar num colégio jesuíta e cursar Direito, junta-se a uma família de atores (os Béjart) e com eles funda um grupo teatral, assumindo o cargo de diretor e adotando o nome de Molière. Qual o nome desta companhia?

- a) Cena Aberta
- b) Os Saltimbancos
- c) Ilustre Teatro
- d) Teatro dos Dez
- e) Os Mambembes

2 Ao longo de 13 anos, Molière e seu grupo excursionaram pelas províncias francesas. Durante este período, o artista aprendeu o difícil ofício de administrar a companhia, lidar com as autoridades e enfrentar grupos rivais. Mas certamente seus maiores ganhos foram:

- a) Atuar em todas as peças do repertório
- b) Começar a escrever textos
- c) Desenvolver projetos cenográficos
- d) Descobrir sua vocação de figurinista
- e) Só dois itens estão corretos

3 Ao regressar a Paris, Molière e sua trupe

conseguem se apresentar para o rei Luís XIV, então com apenas 20 anos. A tragédia exibida, *Nicomède*, não obteve êxito. Mas logo em seguida, uma farsa foi apresentada e muito aplaudida. Ela está na relação abaixo?

- a) *A duquesa insegura*
- b) *Os deuses são fúteis*
- c) *O médico amoroso*
- d) *Corações infieis*
- e) Nenhuma das respostas anteriores

4 Já contando com a proteção do monarca, Molière obtém seu primeiro grande êxito em 1659. Com qual texto?

- a) *Médico à força*
- b) *As preciosas ridículas*
- c) *O burguês fidalgo*
- d) *O misantropo*
- e) *Tartufo*

5 Com *A escola dos maridos*, estreada em 1661, Molière trabalha pela primeira vez uma tese de alcance moral. Qual teria sido ela?

- a) Uma educação mais liberal das moças
- b) Respeito às deliberações paternas
- c) As vantagens da fidelidade

Questão 1

d) Mesclar o pensamento ao riso

Questão 2

e) Só três ítems estão corretos - A, B e D

Questão 3

a) Os primeiros-atores raramente abandonavam o prosclênio
b) As marcas eram realizadas em função da estrela da companhia

Questão 4

e) Os ítems C e D estão corretos

Questão 5

d) *Morte e vida severina*

Questão 6

e) Só os ítems C e D estão corretos

Questão 7

a) *Macunaima*

Questão 8

d) Hoje é dia de rock

Questão 9

d) Apareceu a Margarida

Questão 10

a) Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá

d) Não devem existir segredos no casamento
e) Nenhuma das respostas anteriores

6 A primeira obra-prima de Molière, *A escola de mulheres*, levou o autor a sofrer uma intensa campanha de difamação. Seus detratores o acusavam de:

a) Imoralidade
b) Irreligiosidade
c) Falta de escrúpulos
d) Incentivo à libertinagem
e) Dois ítems estão corretos

7 Apresentada em 1664, *Tartufo* foi proibida logo em seguida, com muitos dos invejosos de plantão chegando a sugerir que Molière merecia a fogueira - o texto só seria completamente liberado em 1669. Qual o tema central da obra?

a) Crítica ao cosmopolitismo
b) Ironia contra a Igreja
c) Sátira implacável da hipocrisia
d) Paródia da nobreza
e) Nenhuma das respostas anteriores

8 Um gênero teatral influenciou muito Molière, a ponto de o autor se basear nele

para criar alguns personagens equivalentes. Qual seria este gênero?

a) Tragédia grega
b) Farsas medievais
c) Autos de Natal
d) Commedia D'ell Arte
e) Cerimônias ecumênicas

9 Em seus textos, Molière busca os efeitos valendo-se de vários artifícios. Você conseguiria identificar algum na relação que se segue?

a) Contrastes
b) Simetrias
c) Repetições
d) Suspense
e) Todas as respostas estão corretas

10 Molière protagonizava uma de suas peças quando se sentiu mal e foi levado para casa, falecendo logo em seguida. A peça se encontra abaixo relacionada?

a) *O doente imaginário*
b) *As artimanhas de Scapino*
c) *George Dandin*
d) *O misantropo*
e) *Médico à força*

Malandragens de Escapino

DE MOLIÈRE

Tradução de Carlos Drummond de Andrade



PERSONAGENS

Argante

- pai de Otávio e de Zerbineta

Gerônimo

- pai de Leandro e Jacinta

Otávio

- filho de Argante e namorado de Jacinta

Leandro

- filho de Gerônimo e namorado de Zerbineta

Zerbineta

- tida como cigana,
mas filha de Argante. Namorada de Leandro

Jacinta

- filha de Gerônimo e namorada de Otávio

Escapino

- criado de Gerônimo

Silvestre

- criado de Otávio

Nerina

- ama de Jacinta

Carlos

- moleque

2 carregadores

1º ATO

Cena I

Otávio - Mas isto é notícia que se dê a um coração apaixonado? Em que complicação me vejo! Então, Silvestre, você soube agora mesmo, no porto, que meu pai está de volta?

Silvestre - Sim, senhor.

Otávio - Que ele vai chegar ainda esta manhã?

Silvestre - Ainda esta manhã.

Otávio - E vem disposto a fazer meu casamento?

Silvestre - Isso mesmo.

Otávio - Com a filha do senhor Gerônimo?

Silvestre - Do senhor Gerônimo.

Otávio - A moça foi chamada de Taranto para esse fim?

Silvestre - Para esse fim.

Otávio - E quem contou a você essas novidades foi meu tio?

Silvestre - Foi seu tio.

Otávio - E meu tio soube disso por uma carta de meu pai?

Silvestre - Por uma carta de seu pai.

Otávio - E meu tio, pelo visto, está a par de tudo que se refere à gente?

Silvestre - De tudo que se refere à gente.

Otávio - Oh, fale, vamos! Ou será preciso um saca-rolhas para lhe arrancar as palavras?

Silvestre - Que é mais que eu posso fazer? O senhor não esqueceu uma vírgula, repete as coisas tintim por tintim...

Otávio - Pelo menos me aconselhe! Diga o que é que eu devo fazer nesta situação terrível!

Silvestre - Palavra que me sinto tão atrapalhado quanto o senhor. Bem que eu gostaria que alguém me aconselhasse a mim próprio!

Otávio - Estou tão aborrecido com esse maldito regresso do velho!

Silvestre - E eu, então?

Otávio - Quando ele souber das coisas, hem? Já estou vendo desabar sobre mim um tufão de descomposturas!

Silvestre - Descompostura é o de menos. Darei graças a Deus se eu me livrar por esse preço. Mas tenho a pouca sorte de pagar caro pelas maluquices do senhor. Estou vendo se formar, lá longe, uma nuvem de bordoadas, que vai arrebentar é nas minhas costas...

Otávio - Meu Deus do céu! Como é que eu vou sair deste buraco?

Silvestre - Por que não pensou nisso antes de se atirar nele?

* A ação se passa em Nápoles

Otávio - Ora bolas, você me aborrece com seus sermões fora de hora!

Silvestre - E o senhor me aborrece mais ainda com suas doideras.

Otávio - Mas que é que eu vou fazer? Que solução devo tomar? A que meios recorrerei?

Cena II

Escapino - Que é isso, senhor Otávio? Que é que o senhor tem? Que é que há? Que agitação é essa? O senhor parece inteiramente transtornado...

Otávio - Ah, meu caro Escapino, estou perdido! Estou desesperado! Sou o sujeito mais infeliz do mundo!

Escapino - Como?

Otávio - Então você não sabe de nada?

Escapino - Não.

Otávio - Meu pai está chegando aí com o senhor Gerônimo e eles vêm me casar.

Escapino - Mas afinal, isso é alguma desgraça?

Otávio - Ai! Você não sabe a causa de minha inquietação.

Escapino - Não sei, mas só depende do senhor que eu saiba imediatamente. E eu sou uma camarada consolativo, capaz de me interessar pelas coisas da

mocidade...

Otávio - Ah, Escapino! Se você imaginasse algo que pudesse dar um jeitinho para me livrar dessa aflição, eu...eu acho que lhe ficaria devendo mais do que a própria vida.

Escapino - Para lhe falar a verdade, poucas coisas há que sejam impossíveis para mim, quando resolvo lidar com elas. Certamente ganhei do céu um talento bastante propício à criação dessas graciosidades de espírito, dessas galanterias engenhosas, a que a plebe ignara dá o nome de velhacarias. Posso dizer, sem vaidade, que dificilmente se terá visto um artesão mais hábil em maquinações e enredos, alguém que haja conquistado maior auréola do que eu, nesse nobre ofício. Mas, convenhamos, hoje em dia o merecimento anda muito por baixo. E eu por mim já renunciei a todas essas coisas, por causa de um certo aborrecimento, num caso que me aconteceu.

Otávio - Como é? Que caso foi esse, Escapino?

Escapino - Uma aventura em que me encrenquei com a Justiça.

Otávio - Com a Justiça?

Escapino - É. Tivemos um pequeno desentendimento.

Otávio - Você e ela?

Escapino - Sim. Ela não se comportou lá muito bem comigo, e eu me magoei de tal modo com a ingratidão da sociedade que resolvi não me meter mais com coisa alguma. Chega! Mas não deixe de me contar sua aventura, senhor Otávio.

Otávio - Você sabe, Escapino, que há dois meses o senhor Gerônimo e meu pai fizeram juntos uma viagem, para tratar de certo negócio de interesse comum.

Escapino - Sei.

Otávio - E que Leandro e eu ficamos entregues por nossos pais, eu aos cuidados de Silvestre, e Leandro aos de você.

Escapino - Exato. E eu me desempenhei muito bem do meu encargo.

Otávio - Algum tempo depois, Leandro conheceu uma rapariga cigana, apaixonou-se e...

Escapino - Sei disso também.

Otávio - Como nós dois somos grandes amigos, ele me confessou logo esse amor, e me levou a ver a moça. Achei-a bonita, realmente, embora não tanto quanto ele queria que eu achasse. Ela ficou sendo o seu assunto de cada dia. A todo instante, Leandro me exaltava a sua



beleza, sua graça, gabava-lhe o espírito, entrava em êxtase ao me falar de sua conversa...E repetia a menor palavrinha da bem-amada, esforçando-se por torná-la a mais interessante do mundo. Às vezes até se zangava comigo, sabe? porque eu não me mostrava bastante sensível às coisas que ele ia me contando. E a cada passo censurava minha indiferença às labaredas do amor!

Escapino (*À parte*) - Não vejo aonde ele quer chegar.

Otávio - Um dia, eu fui com ele à casa das pessoas que guardam o objeto dos seus sonhos. Em certa rua afastada, ouvimos partir de uma casa lamentações e soluços. Perguntamos o que era. Entre suspiros, uma mulher nos disse que poderíamos ver lá dentro uma cena tristíssima, passada entre forasteiros, e se não ficássemos comovidos é porque tínhamos o coração de pedra.

Escapino (*À parte*) - Que fim terá essa história?

Otávio - Movido pela curiosidade, obriguei Leandro a ver de que se tratava. Entramos numa sala e nos deparamos com uma velha agonizante, assistida por uma criada que

se lamentava e por uma jovem banhada em lágrimas...A mais linda, a mais enternecedora jovem que se possa imaginar!

Escapino - Oh!

Otávio - Qualquer outra pessoa pareceria medonha, no estado em que ela se encontrava. Como vestido, tinha apenas uma saizinha ordinária e um corpinho de fustão barato. Na cabeça, uma touca amarela, apanhada no alto, e que deixava os cabelos caírem em desalinho sobre os ombros. Pois mesmo assim, meu caro, ele cintilava em seus mil atrativos, e toda a sua figurinha não eram senão encantos e feitiços!

Escapino - Ai ai ai, estou sentindo a coisa chegar...

Otávio - Escapino, se você a visse nessas condições, juro que havia de achá-la adorável!

Escapino - Ah, não duvido. Mesmo sem ter visto, sinto que era absolutamente encantadora.

Otávio - Suas lágrimas não eram dessas lágrimas desagradáveis, que desfiguram o semblante. Até para chorar, tinha uma graça comovedora. E a dor que sentia era...a dor mais bonita deste mundo.

Escapino - Compreendo.

Otávio - E não houve ninguém que não

se derretesse em lágrimas, quando ela, apaixonadamente, se atirou sobre o corpo da agonizante, chamando-a de mamãezinha querida. Não houve ninguém que não sentisse a alma transfigurada, ao ver um coração tão nobre!

Escapino - É tocante, de fato. E estou vendo que esse coração nobre fez com que o senhor ficasse gostando dela...

Otávio - Oh, Escapino! Até um bruto gostaria dela!

Escapino - Claro. Que é que poderia impedir uma coisa dessas?

Otávio - Bem. Depois de algumas palavras, com que procurei suavizar o sofrimento daquela aflita e encantadora jovem, saímos. Aí, perguntei a Leandro que tal lhe parecia a moça. Ele me respondeu, friamente: "É bonitinha". Eu fiquei chocado com essa frieza, e não quis revelar o efeito que tamanha beleza havia produzido em minh'alma.

Silvestre (*A Otávio*) - Se o senhor não abreviar a história, nós ficaremos aqui até amanhã. Com licença, vou concluí-la em duas palavras. O coração de meu amo pegou fogo a partir daquele instante. Ele já não saberia mais viver se não consolasse uma desventura tão...simpática. Aí, começou a visitá-la com assiduidade. As visitas foram repe-



lidas pela criada, que se convertera em governanta, depois do falecimento da velha. Eis o nosso amigo desesperado. Ele insiste, implora, inventa maquinações; nada. Ficou sabendo que a moça, embora sem dinheiro e sem proteção, é de boa família. A menos que ele se resolva a casar, suas pretensões não serão toleradas...E com isso, o amor vai aumentando em proporção às dificuldades. Meu amo começa a refletir, agita-se, pesa os prós e os contras, e pá! casou-se com a moça há três dias.

Escapino - Compreendo.

Silvestre - Agora, além disso, imagine o regresso inesperado do pai dele, que só esperávamos daqui a dois meses; o tio descobrindo o segredo desse casamento; e o outro casamento a que pretendem obrigá-lo com a filha do senhor Gerônimo - filha de uma segunda mulher, com a qual dizem que o velho se casou em Taranto...

Otávio - E por cima de tudo isso, imagine a miséria em que se encontra essa criatura adorável, e eu sem poder dar jeito na situação!

Escapino - É só? Mas vocês estão preocupados com uma bobagem dessas? Como se houvesse motivo para tanto susto! Silvestre, você não tem ver-

gonha de se afogar em tão pouca água? Que diabo! Você não é mais uma criança de colo, e ainda não sabe achar em sua cachola, burilar em seu espírito um plano maroto, um estratagemazinho conveniente para ajustar tais negócios? Arre, diabos levem esse animal! Bem que eu gostaria, em tempos passados, de ter uns velhos assim para enganar. Como lhes passaria lindamente a perna! Eu era deste tamanho assim e já me destacava por mil golpes belíssimos de sutileza!

Silvestre - Confesso que a Providência não me aquinhoou com esses dotes naturais. Não tenho essa capacidade para me enredar com a Justiça...

Otávio - Aí vem a minha Jacinta.

Cena III

Jacinta - Oh, Otávio! É verdade o que Silvestre disse agora mesmo a Nerina: que seu pai está de volta e quer obrigá-lo a se casar?

Otávio - É, minha formosa Jacinta! E essa notícia foi para mim um golpe cruel. Mas, que é isso: você está chorando? Por que essas lágrimas? Responda! Desconfia de alguma infide-

lidade de minha parte? Não tem certeza do meu amor?

Jacinta - Tenho, Otávio! Certeza de que você gosta de mim, eu tenho; mas de que vai gostar sempre, não!

Otávio - Ora essa! Quem é que poderia gostar de você senão por toda a vida?

Jacinta - Otávio, eu ouvi dizer que os homens gostam por menos tempo que as mulheres. A paixão que eles revelam é como essas fogueiras que se apagam com a mesma facilidade com que se acendem...

Otávio - Ah, minha adorada Jacinta, então meu coração não foi modelado como o dos outros homens. Sinto perfeitamente que irei gostar de você até morrer!

Jacinta - Quero acreditar que você esteja sentindo o que está dizendo. Não duvido que suas palavras sejam sinceras. Mas tenho medo de uma influência que combate em seu coração esses ternos sentimentos que ele possa ter por mim. Você depende de seu pai, e ele quer casá-lo com outra mulher. Tenho certeza de que morrerei, se acontecer tamanha desgraça!

Otávio - Não, celestial Jacinta, não há pai no mundo que me obrigue a faltar ao meu juramento para com você.



Prefiro deixar minha terra agora mesmo, se necessário for, a ter de abandonar você. Sem ao menos ter visto a criatura que me destinam para esposa, já estou sentindo por ela uma repugnância total. Não é por maldade não, mas seria tão bom que o mar afastasse essa mulher daqui para sempre! Não chore, Jacinta, meu anjo, eu lhe peço; suas lágrimas me matam, não posso vê-las sem sentir o coração despedaçado!

Jacinta - Já que você faz questão, enxugarei o pranto. Vou aguardar, com ânimo constante, o que Deus se digne resolver a meu respeito.

Otávio - Deus estará a nosso favor!

Jacinta - Ele não ficará contra mim, se você me for fiel.

Otávio - Serei, sem a menor dúvida!

Jacinta - Então, serei feliz.

Escapino (*À parte*) - Não é tão boba assim essa pequena. É até bem razoável...

Otávio (*Mostrando Escapino*) - Esse aí, se quisesse, é que poderia ser para nós de uma utilidade maravilhosa em todas essas complicações.

Escapino - Quem, eu? Jurei solenemente de nunca mais me meter com a vida de ninguém. Em todo caso, se me pedirem

com muito empenho, quem sabe?

Otávio - Oh, se basta pedir com empenho para obter seu auxílio, então eu lhe suplico de todo o coração que tome o governo do nosso barco!

Escapino (*À Jacinta*) - E a senhorita, não diz nada?

Jacinta - Eu acompanho Otávio: por tudo que lhe é mais caro no mundo, ajude o nosso amor!

Escapino - Sejamos humanos, e deixemo-nos vencer. Está bem, vou me interessar por vocês.

Otávio - Você pode acreditar que...

Escapino - Bico fechado. (*À Jacinta*) Vá-se embora, fique descansada. (*À Otávio*) E o senhor, prepare-se para enfrentar com firmeza a abordagem de seu pai.

Otávio - Confesso que já estou tremendo antes da hora. É essa minha timidez natural, que não consigo vencer.

Escapino - Pois carece aparentar firmeza ao primeiro choque. Evite que ele perceba sua fraqueza e que se aproveite disso para tratá-lo como a uma criança. Finja mesmo um pouco de atrevimento. Responda com energia a tudo que ele for dizendo.

Otávio - Farei o melhor que puder.

Escapino - Agora, experimentemos um

pouco, para o senhor se acostumar. Vamos ensaiar o seu papel e veremos se está bem representado. Atenção: ar resolutivo, cabeça erguida, olhar firme!

Otávio - Assim?

Escapino - Mais um pouco, ainda.

Otávio - Assim?

Escapino - Bem. Agora faça de conta que eu sou seu pai que está chegando e me responda sem tremedeira, como se fosse a ele próprio. “Como é isso, patife! Valdevinos! Filho indigno do pai que tens! Ousas então aparecer diante de meus olhos, depois da peça infame que me pregaste na minha ausência? É esse o fruto de meu desvelo, malandro? Então é assim que me respeitas? Vamos, vamos! Tens a insolência, canalha? de te comprometeres sem o consentimento de teu pai, fazendo um casamento clandestino? Responde, maroto, responde! Vamos examinar tuas extraordinárias razões”. Mas que diabo, o senhor ficou apalermado!

Otávio - É, até parecia que eu estava diante de meu pai em carne e osso!

Escapino - Ah...Mas justamente por isso é que o senhor não devia ficar como um idiota!

Otávio - Vou criar coragem, Escapino.



Vou responder firme!

Escapino - De verdade?

Otávio - De verdade.

Escapino - Olhe aí seu pai chegando.

Otávio - Meu Deus do céu, estou frito!

Escapino - Fique aqui, senhor Otávio!

Pronto: fugiu. Pobre diabo. Mas não deixemos o velho esperar.

Silvestre - Que é que eu vou dizer a ele?

Escapino - Deixe por minha conta. Basta que você me acompanhe.

Cena IV

Argante (*Julgando estar só*) - Onde já se viu uma barbaridade dessas?!

Escapino (*A Silvestre*) - Já sabe do caso. E ficou tão preocupado que anda falando sozinho!

Argante (*Julgando estar só*) - Mas que desaforo!

Escapino (*A Silvestre*) - Vamos escutar um bocadinho?

Argante (*Julgando estar só*) - Gostaria de saber o que eles vão me dizer sobre este incrível casamento.

Escapino (*À parte*) - Já pensamos nisso.

Argante (*Julgando estar só*) - Será que vão negar-me a coisa?

Escapino (*À parte*) - Não! Nem pensamos

nisso.

Argante (*Julgando estar só*) - E se tentarem justificá-la?

Escapino (*À parte*) - É bem possível.

Argante (*Julgando estar só*) - Irão me distrair com lorotas?

Escapino (*À parte*) - Talvez.

Argante (*Julgando estar só*) - O palavrório deles não adiantará nada.

Escapino (*À parte*) - Veremos.

Argante (*Julgando estar só*) - A mim é que eles não enganam!

Escapino (*À parte*) - Quem sabe?

Argante (*Julgando estar só*) - Saberei botar na cadeia esse patife do meu filho!

Escapino (*À parte*) - Vá esperando.

Argante (*Julgando estar só*) - Quanto ao pândega do Silvestre, dou-lhe muita bordoada!

Silvestre (*A Escapino*) - Está ouvindo? Muito me admirava se ele me esquecesse.

Argante (*Percebendo Silvestre*) - Ah! Ali está ele, o hábil conselheiro de família, o sábio orientador da juventude!

Escapino - Oh, senhor Argante, que prazer vê-lo de volta!

Argante - Bom dia, Escapino. (*A Silvestre*) Realmente, você cumpriu minhas ordens de maneira estupen-

da, hem? E meu filho se comportou com a maior sabedoria durante minha ausência, não foi?

Escapino - O senhor está passando bem, pelo que vejo?

Argante - Regularmente. (*A Silvestre*) Você não diz nada, malandro? Não dá um pio?

Escapino - Fez boa viagem?

Argante - Oh, esplêndida! Mas deixe-me xingar em paz, sim?

Escapino - O senhor quer xingar?

Argante - Quero xingar, sim.

Escapino - Ah! E xingar a quem, senhor Argante?

Argante - A esse tipo aí.

Escapino - Por quê?

Argante - Você não ouviu falar do que se passou em minha ausência?

Escapino - Ouvi falar de umas coisinhas.

Argante - Como? Coisinhas? Uma coisa dessas?

Escapino - O senhor não deixa de estar com a razão.

Argante - Um atrevimento deste!

Escapino - Lá isso é verdade.

Argante - Um filho casar sem consentimento do pai!

Escapino - É, isso não está muito certo, não. Mas eu achava melhor o senhor não fazer barulho...



Argante - Pois eu não sou da sua opinião. Quero barulho até dizer chega. Ora, essa é boa! Então você não acha que eu tenho motivos para me enfurecer?

Escapino - Mas é claro. Eu também me zanguei, quando soube da coisa. E defendi a sua posição, a ponto de ralar com seu filho. Pergunte a ele que pitos enérgicos eu lhe passei, como o censurei pela falta de respeito a um pai de quem devia beijar os pés. Ninguém lhealaria melhor, nem o senhor mesmo. Mas, que remédio? Acabei cedendo à razão, e reconhecendo que, no fundo, ele não tem tanta culpa quanto parece.

Argante - Que é que está dizendo? Ele não tem culpa de se casar sem tirte nem guarde com uma ilustre desconhecida?

Escapino - Que é que o senhor quer? Foi impelido pelo destino.

Argante - Ah, ah! Essa é ótima! Então um sujeito comete todos os crimes imagináveis, engana, rouba, mata, e no fim é só dizer, como desculpa: foi impelido pelo destino!

Escapino - Ora, ora. O senhor está jogando com as minhas palavras. Eu queria dizer apenas que seu filho se viu

comprometido fatalmente nesse caso.

Argante - E por que se comprometeu?

Escapino - Queria o senhor que ele nascesse ajuizado como o pai? Rapaz é rapaz, não tem a prudência de que precisaria para fazer tudo dentro da mais santa ordem. Haja vista o nosso prezado Leandro, que, apesar de todas as minhas lições e advertências, se meteu a fazer coisas piores que as de seu filho. Eu gostaria de saber se o senhor mesmo não foi jovem, se naquele tempo não fez também suas bobagens como os outros. Até já ouvi dizer que o senhor foi grande freqüentador de mulheres; que fez muita peraltice com as mais galantes, e que não chegava perto de nenhuma sem fazer das suas...

Argante - Bem, lá isso é verdade, não nego. Mas nunca fui além dessas brincadeiras. Não cheguei ao extremo de fazer o que ele fez.

Escapino - Mas que queria que ele fizesse? O rapaz vê uma jovem que se derrete por ele - puxou isso ao pai, amado por tudo quanto é mulher. Acha a pequena encantadora, visita-a, diz-lhe umas meiguices, suspira ternamente, faz-se de apaixonado. Os pais da moça chegam de surpresa, obrigam

o coitado a se casar.

Silvestre (*À parte*) - Como ele é esperto!

Escapino - O senhor preferia que ele se deixasse matar? Antes casado que morto.

Argante - Não me disseram que o caso tinha se passado dessa maneira!

Escapino (*Indicando Silvestre*) - Pergunte a esse aí e verá o que responde.

Argante (*A Silvestre*) - Foi à força que meu filho se casou?

Silvestre - Foi sim, senhor.

Escapino - Vosmecê acha que eu ia mentir?

Argante - Então ele devia ter ido imediatamente a um tabelião, para certificar a violência.

Escapino - É o que ele não devia fazer.

Argante - Então, ficaria mais fácil, para mim, anular o casamento.

Escapino - Anular o casamento?

Argante - Sim.

Escapino - O senhor não vai anular coisíssima nenhuma.

Argante - Não vou anular?

Escapino - Não.

Argante - Ué! Então não tenho a meu favor os direitos de pai e o argumento da coação infligida a meu filho?

Escapino - Aí está uma coisa com a qual ele não vai concordar.



Argante - Não vai concordar?

Escapino - Não.

Argante - Meu filho?

Escapino - Seu filho, sim. O senhor quer forçá-lo a confessar que foi à valentona que o obrigaram a fazer tal coisa? Otávio nem sonha com uma confissão dessa ordem. Seria se desmoralizar, mostrando-se indigno de um pai como o senhor!

Argante - Não estou ligando a isso.

Escapino - Por honra dele e do senhor, é preciso que Otávio diga em público que se casou espontaneamente.

Argante - Pois, por minha honra e por honra dele, quero que diga é o contrário.

Escapino - Não. Tenho certeza de que ele não fará isso.

Argante - Eu o obrigo a fazer.

Escapino - Não faz, estou lhe dizendo.

Argante - Faz, ou eu o deserto.

Escapino - O senhor?

Argante - Eu.

Escapino - Hum!

Argante - Hum, por que?

Escapino - O senhor não vai deserdá-lo.

Argante - Eu não vou deserdá-lo?

Escapino - Não.

Argante - Não?

Escapino - Não.

Argante - O quê? Essa é muito boa! Eu não vou deserdar meu filho?

Escapino - Estou lhe dizendo que não.

Argante - Quem me impedirá?

Escapino - O senhor mesmo.

Argante - Eu?!

Escapino - Sim. Seu coração não deixa.

Argante - Deixa.

Escapino - O senhor está çaçoando.

Argante - Não estou, não.

Escapino - A ternura paterna saberá agir.

Argante - Sabe coisa nenhuma.

Escapino - Sabe, sabe.

Argante - Estou lhe dizendo o que eu vou fazer!

Escapino - Bobagem!

Argante - Bobagem? Não diga isso!

Escapino - Mas eu o conheço, homem de Deus. O senhor é bom, de nascença.

Argante - Não sou nada bom, e quando é preciso agir eu sou mau. Vamos acabar com essa conversa, que já está me esquentando o sangue. *(A Silvestre)* Vá-se embora, malandro; vá procurar meu filho, enquanto eu vou estar com o meu amigo Gerônimo, para desabafar minhas mágoas!

Escapino - Senhor Argante, se eu puder ajudá-la nalguma coisa, é só dar ordens.

Argante - Obrigado. *(À parte)* Ah, se eu

tivesse nesta hora a filha que a sorte me roubou, para fazê-la minha herdeira!

Cena V

Silvestre - Palavra de honra que você é um grande homem! E o negócio vai deslizando macio, hem? O diabo é que o dinheiro azulou, e não temos nem para o sustento. Os credores estão latindo por toda a parte, atrás da gente.

Escapino - Deixe por minha conta, que a coisa está preparada. Estou apenas cogitando de um sujeito que mereça confiança, para representar um personagem de que eu preciso...Ah, espere aí. Fique firme. Enterre o gorro na cabeça, como um tipo perigoso. Mantenha-se sobre um pé só. Mão na cintura. Lance um olhar feroz. Ande um pouquinho como rei de opereta. Isso! Agora me acompanhe. Sei de uma artimanha para disfarçar sua cara e voz.

Silvestre - Pelo amor de Deus, não vá me complicar com a Justiça!

Escapino - Ora, ora. Vamos partilhar o perigo como dois irmãos. Três anos de galés a mais ou a menos, é muito pouco para deter um coração nobre!



2º ATO

Cena I

Gerônimo - É, com um tempo desses, nosso pessoal hoje deve estar aqui. Um marinheiro chegado de Taranto me disse que viu o meu empregado prestes a embarcar. O diabo é que, ao chegar, minha filha vai encontrar as coisas bem atrapalhadas com relação ao nosso projeto. O que o senhor acaba de me contar a respeito de Otávio, então, desmancha completamente tudo aquilo que tínhamos preparado!

Argante - Não se preocupe. Eu me comprometo a remover o obstáculo. Vou agir imediatamente.

Gerônimo - Permita que eu lhe diga uma coisa, senhor Argante? A educação dos filhos é uma dessas responsabilidades para as quais todo desvelo é pouco.

Argante - Sem dúvida. Mas...a que propósito vem isso?

Gerônimo - Vem a propósito dessas loucuras de rapazes, que na maioria das vezes são fruto da má educação que os pais lhes deram.

Argante - Sim, isso acontece uma vez ou outra. Mas que é que o senhor quer

dizer com isso, hem?

Gerônimo - Que é que eu quero dizer com isso?

Argante - Sim.

Gerônimo - Que se o amigo, como bom pai, houvesse exemplado convenientemente o seu filho, por certo não lhe pregaria ele a peça que pregou.

Argante - Muito bem. De maneira, então, que o amigo exemplou muito bem o seu, não é?

Gerônimo - Claro. E muito aborrecido ficaria se ele me fizesse uma barbaridade dessas.

Argante - E se esse filho que o senhor exemplou de maneira tão cabal, fizesse pior ainda que o meu? Hem?

Gerônimo - Como?

Argante - Como?

Gerônimo - Que é que o senhor está querendo dizer com isso?

Argante - Quero dizer, meu caro senhor Gerônimo, que não devemos ter muita afobação em condenar o procedimento alheio. Quem gosta de censurar os outros, é bom mirar-se antes no espelho de sua casa.

Gerônimo - Este estigma, não entendo.

Argante - Será explicado.

Gerônimo - O senhor ouviu dizer alguma coisa a respeito de meu filho?

Argante - Quem sabe?

Gerônimo - Mas o quê, então?

Argante - O seu criado Escapino, diante do meu aborrecimento, só me contou a proeza por alto. Pergunte a ele ou a uma pessoa qualquer. Com licença. Vou correndo consultar um advogado e cuidar dos truques que terei de pôr em prática. Até breve!

Cena II

Gerônimo (Só) - Que negócio será esse? Pior ainda que o dele! Eu cá não imaginava nada pior. Casar-se sem consentimento paterno, façam-me o favor, não há falta mais grave. Ah, você está aí!

Leandro (Tentando abraçá-lo) - Oh, papai, que alegria vê-lo de volta!

Gerônimo (Esquivando-se) - Vamos tratar do assunto.

Leandro - Deixe que eu o abrace e...

Gerônimo (Repelindo-o) - Calma.

Leandro - Como? O senhor não permite que eu lhe manifeste minha emoção por meio de um abraço, papai?

Gerônimo - Não. Temos um assunto a esclarecer.

Leandro - O quê?

Gerônimo - Componha-se. Desejo olhá-lo



de frente.

Leandro - Como?

Gerônimo - Faça o obséquio de me encarar.

Leandro - E então?

Gerônimo - Que foi, afinal, que se passou aqui?

Leandro - Que foi que se passou?

Gerônimo - Sim. Que é que o senhor andou fazendo na minha ausência?

Leandro - Que é que o senhor queria que eu fizesse, papai?

Gerônimo - Eu não quero nada. Pergunto o que é que o senhor fez.

Leandro - Eu? Nada que lhe desse motivo para se zangar.

Gerônimo - Nada?

Leandro - Nada.

Gerônimo - Mas o senhor é mesmo topetudo, hem?

Leandro - Estou seguro de minha inocência.

Gerônimo - Pois Escapino me contou as novidades.

Leandro - Escapino?!

Gerônimo - Ah, ah! Ficou vermelho ao ouvir esse nome, hem?

Leandro - Escapino disse alguma coisa a meu respeito?

Gerônimo - O lugar não é próprio para liquidarmos este assunto. Vamos discu-

ti-lo noutra parte. Vá para casa. Estarei lá daqui a pouco. (*Saindo*) Ah, traidor!

Queres desonrar-me? Pois eu te renegarei como filho e é melhor mesmo que sumas de minha presença para sempre!

Cena III

Leandro (*Só*) - Me trair dessa maneira! Um malandro que, por quinhentas razões, devia ser o primeiro a guardar os segredos que lhe confio, vai correndo contar tudo a meu pai! Ah, mas eu juro que esta ele me paga!

Otávio - Meu caro Escapino, até nem sei quanto devo à sua dedicação! Que sujeito fabuloso é você! E como o céu foi camarada, enviando você para me socorrer!

Leandro - Ah, você está aí? Prazer em vê-lo, seu grandicíssimo patife!

Escapino - Criado às ordens, meu senhor. É demasiada a honra que o senhor me concede.

Leandro (*Levando a mão à espada*) - Está se fazendo de engraçadinho, não é? Pois eu o ensino, ouviu?

Escapino (*Ajoelhando-se*) - Meu senhor!

Otávio - Não faça isso, Leandro!

Leandro - Me largue, Otávio! Não

me segure!

Escapino - Senhor Leandro!

Otávio (*Segurando Leandro*) - Por favor!

Leandro - Deixe eu saciar minha raiva!

Otávio - Pela nossa amizade, Leandro, não maltrate o coitado!

Escapino - Mas o que foi que eu lhe fiz, meu senhor?

Leandro - O que você fez, canalha?

Otávio (*Sempre segurando Leandro*) - Oh, vamos com calma!

Leandro - Não, Otávio! Faço questão que ele confesse, e já, a safadeza que me fez. Sim, miserável, eu sei da peça que você me pregou. Acabaram de me contar. Certamente você não imaginava que alguém me revelasse o segredo. Mas quero ouvir a confissão de sua própria boca, ouviu? Do contrário, eu lhe furo a barriga com esta espada, está escutando?

Escapino - O senhor não teria coragem de fazer uma coisa dessas.

Leandro - Pois então, fale!

Escapino - Eu lhe fiz alguma coisa, meu senhor?

Leandro - Fez, tipo à toa! E sua consciência sabe perfeitamente de que se trata.

Escapino - Juro que não sei!

Leandro - Ah, não sabe, hem?



Otávio (*Segurando Leandro*) - Leandro!

Escapino - Está bem, meu senhor! Já que o senhor exige, confesso que bebi com os amigos aquele pipote de vinho Xerez, que lhe deram de presente há dias. Fiz um furinho no pipote e deramei água no chão, para fazer acreditar que o vinho tinha escapado.

Leandro - Ah, então foi você, seu sem-vergonha, que acabou com o meu Xerez? E eu que xinguei tanto a criada, pensando que ela é que me fizera essa safadeza!

Escapino - Fui eu, senhor. Me perdoe!

Leandro - Fico muito satisfeito por saber disso. Mas não é esse o caso, não.

Escapino - Não é esse, meu senhor?

Leandro - Não. É outro que me interessa mais de perto e você tem de confessar tudo.

Escapino - Meu senhor, não me lembro de ter feito mais nada!

Leandro (*Tentando agredir Escapino*) - Não vai falar?

Escapino - Ai! Ai!

Otávio (*Segura Leandro*) - Calma! Calma!

Escapino - Ah, é mesmo! Há três semanas o senhor me mandou levar um relógio àquela moça cigana, sua namorada. Eu voltei para casa com a roupa enlameada, o rosto cheio de

sangue e lhe contei que no caminho uns ladrões me deram uma surra e me roubaram o relógio! Fui eu que fiquei com ele, meu senhor...

Leandro - Então foi você que ficou com o meu relógio?

Escapino - Foi, sim senhor. Para ver as horas!

Leandro - Muito bem! Estou sabendo de boas! Criado fiel é este meu! Mas não é isso ainda que eu estou perguntando.

Escapino - Não é isso?

Leandro - Não, atrevido! É outra coisa, e eu exijo que você me confesse.

Escapino (*À parte*) - Puxa!

Leandro - Vá falando, que estou com pressa.

Escapino - Meu senhor, eu já esvaziei a alma...

Leandro (*Tentando agredir Escapino*) - Esvaziou, não é?!

Otávio (*Passando à frente de Leandro*) - Mas que é isso?!

Escapino - Está bem, meu senhor, está bem. Lembra-se daquele lobisomem que certa noite, há uns seis meses, lhe deu uma surra? E o senhor quase ia esticando a canela, ao cair num fosso quando fugia?

Leandro - E daí?

Escapino - Daí, era eu que fingia de

lobisomem.

Leandro - Então era você, canalha, era você o lobisomem!

Escapino - Era sim, senhor. Mas só para lhe dar um susto. E para lhe tirar o hábito de expulsar a gente de casa, todas as noites...

Leandro - Saberei me recordar, no devido tempo, de tudo que você me contou. Mas vamos ao positivo. Você tem de me confessar o que disse a meu pai!

Escapino - O que eu disse ao seu pai?!

Leandro - Sim, cachorro, a meu pai!

Escapino - Mas eu nem sequer pus os olhos no senhor Gerônimo depois que ele voltou!

Leandro - Não pôs os olhos?

Escapino - Absolutamente!

Leandro - Você tem certeza disso?

Escapino - Completa. Ele mesmo lhe dirá isso, o senhor vai ver.

Leandro - Pois foi ele mesmo que me contou!

Escapino - Desculpe, mas...é mentira!

Cena IV

Carlos - Senhor Leandro, tenho uma notícia tão desagradável para o seu coração...



Leandro - Hem?

Carlos - Os tais ciganos estão querendo lhe tomar Zerbina! Chorando, ela me mandou aqui a toda pressa lhe dizer que, se dentro de duas horas não levar o dinheiro que eles pediram, o senhor vai perdê-la para o resto da vida!

Leandro - Dentro de duas horas?!

Carlos - Dentro de duas horas.

Leandro - Ah, meu caro Escapino, imploro o seu auxílio!

Escapino (*Levantando e passando com ar soberano por Leandro*) - Ah, meu caro Escapino! Na hora em que precisa de mim, sou seu caro Escapino, não é?

Leandro - Ora, eu perdôo tudo isso que você acaba de me contar e mais ainda que você tenha feito!

Escapino - Não senhor. Não me perdoe coisa alguma. Vamos, fure minha barriga com essa espada! Ficarei feliz se o senhor me matar!

Leandro - Nunca. Suplico-lhe antes que me dê vida, servindo ao meu amor!

Escapino - Nada disso. É melhor o senhor me matar.

Leandro - Você é demasiado precioso para mim! Tenha paciência, empregue a meu favor esse seu espírito admirável, que vence todos os obstáculos!

Escapino - Não. Mate, estou lhe pedindo.

Leandro - Ah, pelo amor de Deus, não pense mais nessas coisas! Pense antes em dar a ajuda que lhe peço!

Otávio - Que é isso, Escapino? Você precisa fazer alguma coisa por ele!

Escapino - Eu?! Depois de uma humilhação dessas?

Leandro - Eu lhe suplico, Escapino! Esqueça o meu arrebatamento! Me ajude com sua habilidade!

Otávio - Eu também lhe peço a mesma coisa.

Escapino - Este insulto ficará guardado aqui dentro.

Otávio - Você devia sufocar seu ressentimento, Escapino.

Leandro - Mas você teria coragem de me abandonar, Escapino, na situação horrível em que se encontra o meu amor?

Escapino - Vir aqui me fazer uma ofensa dessa natureza, sem mais aquela!

Leandro - É, eu fiz mal, confesso...

Escapino - Me xingar de cachorro! De canalha! De sem-vergonha!

Leandro - Estou arrependidíssimo, Escapino!

Escapino - Querer me furar a barriga com a espada!

Leandro - Me perdôe, peço-lhe com toda a humildade! Se for preciso ajoe-

lhar a seus pés, aqui estou, para lhe implorar mais uma vez que não me abandone!

Otávio - Francamente, Escapino! Você tem de ceder, depois disso.

Escapino - Levante-se. E de outra vez, não seja tão impetuoso.

Leandro - Você promete me ajudar?

Escapino - Vou pensar nisso.

Leandro - Mas o tempo voa, Escapino!

Escapino - Não se aflija. De quanto é que está precisando?

Leandro - Quinhentos escudos.

Escapino - E o senhor?

Otávio - Duzentas pistolas.

Escapino - Vou arranjar esse dinheiro com seus pais. (*A Otávio*) Para o seu velho, o golpe já está preparado. (*A Leandro*) Quanto ao seu, embora ele seja o rei dos avarentos, não vai ser preciso muita cerimônia. O senhor sabe que, em matéria de inteligência, graças a Deus ele não tem grande sortimento; é desses que acreditam em qualquer besteira. Não se ofenda com isso: entre o senhor e ele, não há nem sombra de semelhança. E o senhor bem sabe da opinião geral, de que ele só é seu pai...pró forma.

Leandro - Isso também, não!

Escapino - Ora, ora! Como se tivesse



alguma importância! Está caçoando, não é? Mas aí vem o pai de Otávio. Começamos com ele, já que chegou primeiro. Vão-se embora os dois. (A Otávio) Diga a Silvestre que venha depressa desempenhar o seu papel.

Cena V

Escapino (À parte) - Lá está ele, ruminando!

Argante (Supondo estar sozinho) - Mas que falta de juízo e que falta de consideração! Deixar-se arrastar a um compromisso desses! Que mocidade maluca!

Escapino - Senhor Argante, seu servidor!

Argante - Bom dia, Escapino.

Escapino - Está matutando no caso de seu filho?

Argante - Confesso a você que isso me dói tanto!

Escapino - Senhor Argante, essa vida é mesmo um tapete de aborrecimentos. Carece a gente estar sempre preparado para eles. Nunca me esqueci de uma palavra dos antigos, que ouvi há muitos anos...

Argante - Qual é?

Escapino - Mesmo que fique muito pouco tempo longe de casa, deve o

pai de família passar em revista, na imaginação, todos os fatos desagradáveis que poderá encontrar na volta. Suponha a casa incendiada, o dinheiro roubado, a mulher morta, o filho aleijado, a filha seduzida; e aquilo que ele verificar que não aconteceu, dê graças à boa sorte. Eu cá sempre tive presente essa lição, em minha pobre filosofia. Nunca voltei para casa sem esperar a cólera de meus patrões, censuras, injúrias, pontapés no traseiro, bordoadas, correadas...E o que deixou de acontecer, eu agradeço à minha boa sorte.

Argante - Está certo. Mas esse casamento absurdo vem atrapalhar o outro que queríamos fazer e isso eu não posso tolerar. Acabei de consultar meus advogados, para anulá-lo.

Escapino - Pois olhe, senhor Argante, se lhe mereço confiança, trate de arranjar as coisas de outro jeito qualquer. Bem sabe o que são processos nesta terra. O senhor vai se meter em camisa de onze varas.

Argante - Tem razão. Sei perfeitamente, mas que remédio?!

Escapino - Acho que arranjei um. Tive tanta pena de seu sofrimento ainda há pouco, que me animei a procurar na

cachola algum meio de tranquilizá-lo. É uma coisa que meu coração não agüenta: ver uma pai amoroso angustiando-se pelos filhos. E eu sempre tive pelo senhor uma simpatia especial.

Argante - Muito obrigado!

Escapino - Fui, pois, procurar o irmão da moça que se casou com seu filho. É um desses valentões profissionais que resolvem tudo a golpes de espada e só pensam em quebrar as costelas do próximo. Para eles, tanto faz liquidar um cristão como evaziar um copo de vinho. Conversei sobre o casamento e fiz ver como era fácil anulá-lo sob alegação de violência. Lembrei as prerrogativas de que o senhor goza como pai e o apoio que lhe dariam perante a Justiça tanto o seu direito como o seu dinheiro e as suas amizades. Enfim, mostrei-lhe tantos aspectos do negócio que ele acabou aceitando minha sugestão de se liquidar o caso mediante certa quantia. Concorda em desfazer o casamento, desde que o senhor lhe dê dinheiro.

Argante - E quanto ele pediu?

Escapino - Oh! a princípio, coisas astronômicas...

Argante - Mas quanto?

Escapino - Coisas malucas.

Argante - Diga, diga!



Escapino - Nada menos de quinhentas ou seiscentas pistolas.

Argante - Quinhentas ou seiscentas diarréias que liquidem com aquele desgraçado! Está zombando da gente?

Escapino - Foi o que eu disse a ele. Repeli energicamente semelhante proposta e fiz o homem compreender que o senhor não é tão idiota assim para lhe pedirem quinhentas ou seiscentas pistolas. Enfim, depois de muita conversa, eis o resultado de nossa conferência. Ele me disse assim: “Chegou a hora de me alistar no exército. Estou tratando de me equipar. Tenho tanta necessidade de dinheiro que, muito contra a vontade, me vejo coagido a aceitar a proposta. Preciso de um cavalo de serviço e não se consegue um, assim, assim, por menos de sessenta pistolas”.

Argante - Bem, sessenta pistolas eu dou.

Escapino - Carece também de arreios e de umas garruchas. Ponhamos mais vinte pistolas.

Argante - Vinte pistolas mais sessenta pistolas são oitenta!

Escapino - Justamente.

Argante - É muito! Mas vá lá, concordo.

Escapino - Carece também de um cavalião para o criado...trinta pistolas.

Argante - Ô diacho! Mas que é isso? Ele que vá pro inferno! Não recebe nada!

Escapino - Senhor Argante!

Argante - Nada! É um tratante!

Escapino - Quer que o criado dele ande a pé?

Argante - Ande como quiser, e o patrão também.

Escapino - Santo Deus! Fazer um cavalo de batalha por tão pouco! Não queira demandar, senhor Argante. Dê tudo, para não cair nas mãos da Justiça.

Argante - Está bem, está bem. Resolvi dar mais essas trinta pistolas.

Escapino - Ele me disse assim: “Preciso de um macho, para carregar...”

Argante - O quê? Vá para o diabo que o carregue, com o seu macho! Não faltava mais nada! Não, iremos aos tribunais.

Escapino - Por favor, senhor Argante!

Argante - Não! Não dou coisíssima nenhuma!

Escapino - Mas, senhor Argante, um machinho à toa...

Argante - Não dou nem um burro!

Escapino - Oh, senhor, que é que está dizendo? Sabe em que é que vai se meter? Passeie os olhos pelos labirintos da Justiça. Veja só quantas instâncias e graus de jurisdições; quantos processos

embaraçosos; quantas aves de rapina cujas garras terá de experimentar; quantos meirinhos, procuradores, advogados, escrivães, substitutos, relatores, juizes e escreventes! Não há uma só entre todas essas pessoas que, por uma ninharia, deixe de dar um pontapé no direito mais líquido deste mundo. O meirinho certificará a efetivação de qualquer diligência imaginária, em virtude da qual o senhor será condenado sem saber porquê. Seu procurador se entenderá com a parte contrária e o venderá por bons cobrinhos. Seu advogado, também sensível ao suborno, estará ausente quando a causa for julgada, ou produzirá razões que serão pura conversa fiada, fugindo à matéria. O escrivão lavrará sentenças e mandados de prisão contra o senhor, por contumácia. O escrevente substituirá peças dos autos e o próprio relator ficará na moita sobre o que viu lá dentro. E mesmo que, com as maiores cautelas deste mundo, o senhor se precavenha contra tudo isso, ficará bestificado ao saber que os juizes foram cabalados pela beataria ou pelas amantes. Ah, senhor Argante, se for possível, livre-se desse inferno! Porque demanda é o mesmo que inferno em vida. Só de imaginar um processo, eu



era capaz de fugir para as Índias...

Argante - Quanto é que ele quer para o macho?

Escapino - Para o macho, para os dois cavalos, para os arreios e para as garfuchas, e para pagar umas pocaririnhas que deve à dona da hospedaria, pede ao todo duzentas pistolas.

Argante - Duzentas pistolas?!

Escapino - É.

Argante (*Andando, com raiva*) - Bem, bem. Iremos demandar.

Escapino - Reflita um bocadinho...

Argante - Vou demandar.

Escapino - Não se arrisque...

Argante - Vou demandar.

Escapino - Mas para demandar é preciso dinheiro. O senhor vai precisar dele para notificações. Vai precisar para registro. Vai precisar para procuração, para distribuição, para pareceres do Ministério Público, perícias e emolumentos do procurador-geral. Vai precisar para pronunciamento dos auditores, para o direito de retirar o saco dos autos, e para certidões. Vai precisar para relatórios dos substitutos, gorjetas, diligências de oficiais de justiça, despachos interlocutórios, sentenças, mandados, custas, reconhecimento de firmas e traslados feitos pelos escreventes, sem falar

nos “agradinhos” que terá de oferecer!

Dê o dinheiro a esse camarada e ficará livre de aperreações.

Argante - O quê? Duzentas pistolas?

Escapino - Sim, senhor. E sairá lucrando. Fiz um calculozinho das despesas com a Justiça e verifiquei que, dando duzentas pistolas a esse tipo, o senhor economiza pelo menos umas cento e cinqüenta. Sem contar preocupações, canseiras e aborrecimentos que poupará. Mesmo que tivesse de agüentar apenas as besteiras que esses pândegos advogados costumam falar diante de todo mundo, eu preferia mil vezes dar trezentas pistolas a demandar!

Argante - Não estou ligando a isso e desafio os advogados a dizer o que quiserem contra mim.

Escapino - Bem, o senhor fará o que for de seu gosto. Eu, na sua pele, fugiria dos tribunais...

Argante - Não dou as duzentas pistolas.

Escapino - Aí vem o homem de quem estávamos falando!

Cena VI

Silvestre - Escapino, quero que você me mostre este tal de Argante, pai

de Otávio.

Escapino - Para quê, senhor?

Silvestre - Soube agora mesmo que ele quer me processar e anular o casamento de minha irmã.

Escapino - Se tem essa idéia, não sei. Sei que não está disposto a dar as duzentas pistolas. Acha demais.

Silvestre - Pelas tripas de Satanás! Se esbarro com ele, quebro-lhe a espinha, ainda que eu tenha depois de ser esfolado vivo. (*Argante escondeu-se atrás de Escapino*)

Escapino - Meu caro, o pai de Otávio é valente com as armas e talvez não tenha medo do senhor.

Silvestre - Quem? Ele?! Pelos chifres de Belzebu! Estivesse ele aqui e eu lhe enterraria logo a espada na barriga! (*Avistando Argante*) Quem é esse sujeito aí?

Escapino - Não é ele não senhor, não é ele não!

Silvestre - Será algum amigo dele?

Escapino - Também não. Pelo contrário: é o maior inimigo dele!

Silvestre - O maior inimigo?

Escapino - Sim.

Silvestre - Ô diabo, que beleza. (*A Argante*) Então, o senhor é inimigo desse patife do Argante, hem?



Escapino - É, sim. Garanto!

Silvestre (*Apertando rudemente a mão de Argante*) - Pois então, toque. Dou-lhe minha palavra, juro por minha honra, por esta espada que eu porto, juro por todos os santos e todos os demônios que eu seja capaz de imaginar: antes que o sol se ponha, livrarei o amigo desse miserável, desse refinadíssimo pulha! Confie aqui neste braço.

Escapino - Olhe lá: aqui nesta terra não se admitem violências, hem?

Silvestre - Ora, pouco me importa. Não tenho nada a perder!

Escapino - Na certa o senhor Argante se defenderá. Tem parentes, tem amigos e criados, e se valerá deles contra a sua fúria.

Silvestre - Isso é que eu quero, pelos cascos de Lúçifer! Isso é que eu quero! (*Saca a espada*) Pelo olho esquerdo do Capa-Preta! Que pena ele não estar aqui nesse momento, com todos os seus guarda-costas! Por que diabo ele não salta à minha frente rodeado por trinta homens? Por que é que eles não caem sobre mim, de armas em punho? (*Pondo-se em guarda*) Como é? Vocês têm o atrevimento de me atacar, marotos?! Vamos lá, você aí, mate! (*Dando*

golpes, como se combatesse muitas pessoas) Não darei quartel! Encaixemos! Para a frente! Pé firme, olho vivo! Ah, malandros! Ah, canalhas! Estão querendo, não é? Pois tomem até dizer chega! Agüentem firme! Vamos! Mais uma estocada! Outra! (*Volta-se para o lado de Argante e de Escapino*) Como, vocês recuam? Pé firme, barriga de sapo do inferno! Pé firme!

Escapino - Ai ai ai! Nós não estamos no barulho não, senhor!

Silvestre - Isto o ensinará a zombar de mim, ouviu? (*Afasta-se*)

Escapino - Então, viu quanta gente morta por causa de duzentas pistolas? Vamos, desejo-lhe boa sorte!

Argante (*Apavorado*) - Escapino!

Escapino - Chamou?

Argante - Decidi dar as duzentas pistolas.

Escapino - Que bom! Pelo senhor mesmo, entende?

Argante - Vamos procurar o homem. Tenho o dinheiro comigo.

Escapino - É melhor que me dê isso. Não fica bem à sua dignidade o senhor aparecer depois de ter passado por outra pessoa. Além disso, tenho medo de que ele se lembre de mais ainda, se o senhor se der a conhecer...

Argante - É, mas eu gostaria tanto de

ver para onde vai o meu dinheirinho...

Escapino - Será que o senhor desconfia de mim?

Argante - Não! mas você compreende...

Escapino - Venha cá, senhor Argante. De duas, uma: ou eu sou um velhaco ou sou um homem de bem. Pensa que eu queria enganá-lo, que eu tenha outro qualquer interesse, além do seu e do meu amo, a quem o senhor pretende ligar-se? Se suspeita de mim, não me meto em mais nada e a única coisa que o senhor tem a fazer é procurar neste momento mesmo quem lhe arranje os negócios.

Argante - Então, tome!

Escapino - Não, senhor. Não me confie seu dinheiro. É um favor que me presta, se recorrer a outro qualquer.

Argante - Santo deus! Tome, tome.

Escapino - Não, já lhe disse, não confie em mim. Sabe lá se estou querendo surrupiar o seu dinheiro?

Argante - Tome! digo-lhe eu. Vai me obrigar a insistir toda a vida? Mas... cuidado com o tipo, hem?

Escapino - Deixe por minha conta. Ele não está lidando com um bobo.

Argante - Vou esperar você lá em casa.

Escapino - Irei sem falta. (Só) Um está no papo. Agora, é só procurar o



outro. Ah, aí está ele. Até parece que o céu encaminhou os dois para a minha arapuca!

Cena VII

Escapino (*Fingindo não ver Gerônimo*) - Ó céus! Mas que desgraça imprevista! Ó mísero pai! Infeliz Gerônimo, que irás fazer?

Gerônimo - Que é que ele está dizendo a meu respeito com essa cara de enterro?

Escapino - Não há ninguém por aí que possa me informar onde está o senhor Gerônimo?

Gerônimo - Que que há, Escapino?

Escapino - Onde é que poderei encontrá-lo para lhe contar toda essa desgraça?

Gerônimo - Mas que é, afinal?

Escapino - Corro por toda a parte, à procura dele, e nada!

Gerônimo - Estou aqui, Escapino!

Escapino - Deve estar escondido em algum lugar que ninguém sabe...

Gerônimo - Escute aqui: você está cego?

Escapino - Oh, senhor, não havia meio de encontrá-lo!

Gerônimo - Há quase uma hora que estou diante de você. Que é que há,

posso saber?

Escapino - Senhor Gerônimo...

Gerônimo - Diga, diga.

Escapino - O senhor seu filho...

Gerônimo - Está bem, meu filho...

Escapino - Foi vítima da desgraça mais estranha deste mundo!

Gerônimo - Qual é?

Escapino - Me encontrei com ele, há algumas horas, e estava magoadíssimo com alguma coisa que o senhor lhe disse, e em que, por sinal, o senhor se meteu sem nenhuma razão. Procurei distraí-lo e fomos passear no porto. Lá, entre outras coisas, reparamos numa galera turca, muito bem equipada. Um rapaz turco, simpático, nos convidou a subir. Subimos. Ele nos fez mil e uma gentilezas, e nos ofereceu uma comidinha ligeira. Comemos as frutas mais gostosas que é possível imaginar, bebemos um vinho maravilhoso...

Gerônimo - Não vejo nada de triste nisso tudo.

Escapino - Espere um pouco e verá. Enquanto a gente comia, ele deu ordem para que a galera se fizesse ao largo. Já longe do porto, mandou me botar numa canoa, com este recado para o senhor: por meu intermédio, quinhentos escudos, ou o senhor

Leandro será levado para Argell!

Gerônimo - Diabo, quinhentos escudos?!

Escapino - Sim, senhor. E tem mais: só me deu duas horas de prazo!

Gerônimo - Ah, turco de uma figa! Me fazer uma coisa dessas!

Escapino - Agora, compete ao senhor providenciar com a maior urgência para salvar da escravidão a quem consagra tamanha ternura.

Gerônimo - Mas que diabo ia ele fazer na tal galera?

Escapino - Nem sonhava com o que ia acontecer.

Gerônimo - Vá correndo, Escapino, dizer a esse turco que eu boto a Justiça atrás dele!

Escapino - Justiça em alto mar?! O senhor está brincando...

Gerônimo - Mas que diabo ia ele fazer nessa tal galera?

Escapino - Há dias em que a gente acorda com azar.

Gerônimo - Escapino! Chegou o momento de você se mostrar um servidor fiel.

Escapino - Como, senhor Gerônimo?

Gerônimo - Vá dizer a esse turco que ele devolva meu filho e que você ficará no lugar de Leandro até eu arranjar o dinheiro.

Escapino - Oh, senhor Gerônimo, pensou



bem no que está dizendo? Acha que esse turco seja tão idiota a ponto de aceitar um pobre diabo como eu no lugar do senhor Leandro?

Gerônimo - Mas que diabo ia ele fazer nessa tal galera?

Escapino - Não podia adivinhar essa desgraça. Mas preste atenção, senhor Gerônimo: o turco só me concedeu duas horas!

Gerônimo - Você disse que ele está exigindo...

Escapino - Quinhentos escudos.

Gerônimo - Quinhentos escudos! Mas então ele não tem consciência?

Escapino - Essa é boa! Consciência num turco!

Gerônimo - Sabe ele por acaso o que são quinhentos escudos?

Escapino - Sabe, sim senhor: mil e quinhentas libras.

Gerônimo - E pensa esse bandido que mil e quinhentas libras se encontram no esterco de um galinheiro, sem fazer força?

Escapino - Turco não pensa.

Gerônimo - Mas que diabo ia ele fazer nessa tal galera?

Escapino - É mesmo. Mas que remédio? Não se podia prever essas coisas. Por obséquio, senhor Gerônimo, despache-se!

Gerônimo - Tome, aqui está a chave do armário.

Escapino - Está bem.

Gerônimo - Você pode abrí-lo.

Escapino - Muito bem.

Gerônimo - Na gaveta da esquerda tem uma chave grande. É da água-furtada.

Escapino - Sim senhor.

Gerônimo - Você vai lá e apanha as minhas roupas que estão numa cesta grande. Venda tudo isso e resgate meu filho.

Escapino - O quê! O senhor está sonhando? Isso tudo não daria nem cem francos. Além do mais, bem sabe do pouco tempo de que dispomos.

Gerônimo - Mas que diabo ia ele fazer nessa tal galera?

Escapino - Chega de conversa, senhor Gerônimo! Deixe em paz essa galera e lembre-se que o tempo voa, e que o senhor está na iminência de perder seu filho! Ah, coitado do meu amo! Talvez eu não te veja mais em minha vida, amo querido, e à hora em que te dirijo a palavra te estejam conduzindo como escravo para Argel! Mas o céu é testemunha de que fiz por ti tudo que pude e se não foste resgatado, só deves acusar o mesquinho amor de teu pai!

Gerônimo - Espere aí, Escapino. Vou buscar o dinheiro.

Escapino - Rápido, senhor Gerônimo!

Tenho medo de passar a hora.

Gerônimo - Não foi quatrocentos escudos que você falou?

Escapino - Não. Quinhentos!

Gerônimo - Quinhentos escudos!

Escapino - Isso mesmo.

Gerônimo - Mas que diabo ia ele fazer nessa tal galera?

Escapino - O senhor tem toda a razão. Mas é bom se apressar.

Gerônimo - Não podia arranjar outro passeio qualquer?

Escapino - É verdade. Mas ande rápido!

Gerônimo - Galera desgraçada!

Escapino (*À parte*) - O pior de tudo, para ele, é a galera!

Gerônimo - Que cabeça a minha, Escapino! Nem me lembrava mais que acabei justamente de receber essa quantia em moedas de ouro! E mal podia imaginar, também, que ela me seria arrebatada logo! (*Tirando a bolsa da algibeira e entregando-a a Escapino*) Tome, vá resgatar meu filho.

Escapino (*Estende a mão*) - Sim, senhor.

Gerônimo (*Segurando a bolsa*) - Mas diga a esse turco que ele é um bandido!

Escapino - Vou dizer.

Gerônimo - Um infame!

Escapino - Perfeitamente.

Gerônimo - Sujeito sem honra, um ladrão!



Escapino - Fique descansado.

Gerônimo - Que estes quinhentos escudos, ele está me extorquindo, ouviu?

Sem a menor sombra de direito!

Escapino - Está certo.

Gerônimo - Que isso não é dado, ouviu? De jeito nenhum!

Escapino - Muito bem.

Gerônimo - E que se algum dia eu o pego, saberei me vingar!

Escapino - Ciente.

Gerônimo (*Guardando a bolsa na algibeira*) - Vá, vá depressa e traga meu filho.

Escapino - Escute, senhor Gerônimo!

Gerônimo - O quê?

Escapino - Mas onde está o dinheiro?

Gerônimo - Não dei a você?

Escapino - Absolutamente! O senhor tornou a botá-lo na algibeira.

Gerônimo - Ah! É essa dor que me transtorna o espírito...

Escapino - Estou vendo.

Gerônimo - Que diabo ia ele fazer nessa tal galera! Maldita galera! Turco miserável! Vá para o quinto dos infernos!

Escapino (*À parte*) - É uma agonia para ele, os quinhentos escudos que estou lhe arrancando! Mas não está quite comigo. Há de me pagar em outra moeda a intriga que fez contra mim junto ao filho!

Cena VIII

Otávio - Muito bem, Escapino! Venceu a nossa batalha?

Leandro - Fez alguma coisa para livrar o meu amor dessa aflição?

Escapino - Aqui estão as duzentas pistolas que arranquei do seu velho.

Otávio - Oh, mas que alegria você me dá!

Escapino (*A Leandro*) - Pelo senhor, não pude fazer nada.

Leandro - Então o jeito é morrer. Não quero nada com a vida, se Zerbineta me for arrebatada!

Escapino - Venha cá, venha cá! Vamos com calma. Por que tanta pressa?

Leandro - O que você quer que eu faça?

Escapino - Bem, sua encomenda está aqui.

Leandro - Ah! Você me fez criar alma nova!

Escapino - Com uma condição: o senhor vai consentir que eu tire uma vingancinha de seu pai, pela peça que ele me pregou.

Leandro - Como você quiser!

Escapino - Promete diante de testemunha?

Leandro - Prometo!

Escapino - Tome, aqui estão os escudos.

Leandro - Vamos depressa comprar a moça que eu adoro!

3º ATO

Cena I

Silvestre - Pois é. O senhor Otávio e o senhor Leandro acharam melhor que as duas ficassem juntas. Estamos cumprindo ordens que nos deram.

Jacinta (*À Zerbineta*) - Uma ordem assim só me pode ser extremamente agradável. Recebo com a maior alegria minha companheira de sorte. Por mim, a amizade entre Otávio e Leandro se estenderá a nós duas.

Zerbineta - Aceito a proposta. Não sou mulher para recusar, quando me atacam com as armas da amizade.

Escapino - E quando são armas de amor?

Zerbineta - Bem, por amor é outra coisa. Aí, corre-se mais perigo, e nisso eu não sou lá muito valente.

Escapino - Pois acho que está sendo, agora, contra meu amo. O que ele acaba de fazer por sua intenção deve lhe dar estímulo para corresponder à altura.

Zerbineta - Nessas coisas eu não me fio somente na sorte. O que Leandro fez não é bastante para me dar absoluta certeza. Tenho gênio alegre e rio constantemente, mas enquanto isso penso



com seriedade em certos assuntos. Leandro está enganado se pensa que basta me comprar aos ciganos para que eu seja inteiramente dele. Há coisas que não se compram com dinheiro. Para retribuir o seu amor como ele deseja, careço de um penhor de sua fidelidade. E tem de vir enfeitado com certas cerimônias indispensáveis.

Escapino - Pois é exatamente como ele pensa, também. Meu amo gosta da senhorita, mas de maneira decente. Nem eu seria capaz de me meter nesse negócio, se houvesse má intenção.

Zerbineta - Acredito, uma vez que o senhor está dizendo. Mas parece que o pai dele opõe certas dificuldades...

Escapino - Dá-se um jeito.

Jacinta (À *Zerbineta*) - Nossos destinos são tão parecidos que devemos mesmo ser muito amigas. Passamos pelos mesmos sustos, estamos expostas às mesmas desgraças.

Zerbineta - Mas você pelo menos tem isto a seu favor: sabe de quem é filha e se der a conhecer o nome de seus pais, a proteção deles poderá resolver tudo e assegurar a sua felicidade, pela aceitação de um casamento já consumado. Eu, coitada de mim, não vejo nenhum auxílio naquilo que eu possa ser. E mi-

nha situação não é dessas que como- vesse um homem como o senhor Gerônimo, que só pensa em dinheiro.

Jacinta - É, mas por outro lado você tem uma vantagem: o rapaz de quem gosta não está sendo tentado por outro partido.

Zerbineta - A mudança de sentimentos não é o que se deve recear mais num apaixonado. A gente percebe quando tem qualidades bastantes para prendê-lo. O pior de tudo é a autoridade paterna: para ela, minha filha, qualidades não valem coisa alguma.

Jacinta - Ai, meu Deus, por que será que as inclinações naturais são sempre contrariadas? Amar deve ser uma coisa tão doce, quando a gente pode trançar à vontade essas correntes suaves que aprisionam dois corações...

Escapino - A senhorita está caçoando! Em amor, tranqüilidade é coisa muito cacete. A felicidade sem umas nuvenzinhas perde o gosto. A vida precisa ter altos e baixos, e as dificuldades que se insinuam entre as coisas despertam a chama, aguçam o prazer.

Zerbineta - Ah, Escapino, conte pra gente aquela história que me disseram ser tão engraçada! Aquela da esperteza que você usou para tirar dinheiro de

um velho avaro. Você sabe que ninguém perde seu tempo me contando uma boa: eu rio até não poder mais.

Escapino - Aí vem Silvestre, que contará tão bem quanto eu. Agora estou preparando uma vingancinha, cujo gosto ei de saborear.

Silvestre - Mas por que é que você vai procurar sarna para se coçar?

Escapino - Eu me distraio tentando coisas arriscadas.

Silvestre - Já lhe disse. Se você me escutasse, tirava essa idéia da cabeça.

Escapino - Sim. Mas é a mim mesmo que eu escuto.

Silvestre - Que diabo de distração é essa?

Escapino - Por que diabo você se preocupa?

Silvestre - Porque estou vendo que, sem necessidade nenhuma, você atrai para as suas costas uma chuva de bordoadas.

Escapino - Vai desabar nas minhas costas, não nas suas.

Silvestre - Claro que você é dono de suas costas e dispõe delas como for de seu agrado.

Escapino - Esse gênero de perigo nunca me assustou. Detesto gente covarde, que, de tanto prever as con-



seqüências, não tem coragem para empreender coisa alguma.

Zerbineta (*A Escapino*) - Vamos precisar do senhor.

Escapino - Podem ir. Daqui a pouco irei encontrá-los. Ninguém há de dizer que me deixei enganar impunemente e que revelei segredos que deviam ficar ocultos!

Cena II

Gerôncio - Então, Escapino? Como vai o caso de meu filho?

Escapino - Leandro está em lugar seguro, senhor Gerôncio. O senhor é que corre agora o maior perigo deste mundo! Gostaria que o senhor estivesse em casa.

Gerôncio - Como assim?

Escapino - Neste momento estão à sua procura, por toda a parte, para matá-lo.

Gerôncio - A mim?!

Escapino - Ao senhor, mesmo.

Gerôncio - Mas quem?!

Escapino - O irmão dessa tal moça com quem Otávio se casou. Ele acha que o senhor quer desmanchar o casamento para botar sua filha Jacinta no lugar dela. Com esta idéia na cachola, resolveu bravamente descarregar a raiva

sobre o senhor e tirar-lhe a vida para vingar a honra. Todos os amigos dele, também espadachins, procuram o senhor pelos quatro cantos, pedindo informações. Eu mesmo vi, em vários lugares, soldados da companhia do rapaz interrogando toda gente e ocupando as vias de acesso à sua casa! De maneira que o senhor não pode dar um passo nem à direita nem à esquerda, sem cair nas mãos deles.

Gerôncio - Que é que vou fazer, meu caro Escapino?

Escapino - Não sei, não senhor. Este negócio está muito esquisito. Veja como estou tremendo da cabeça aos pés, por sua causa! Espere um pouco...*(Volta-se e finge espiar no fundo do palco se há alguém)*

Gerôncio - E então?

Escapino - Não é nada, não.

Gerôncio - Você não seria capaz de me livrar desse aperto?

Escapino - Bem que estou pensando em dar um jeito. Mas...e se eu levar pancada, hem?

Gerôncio - Oh, Escapino! Mostre que é um servidor de mão-cheia! Não me abandone, eu estou lhe pedindo!

Escapino - Mas não desejo outra coisa! Minha amizade ao senhor é tão

grande que eu não teria coragem de abandoná-lo.

Gerôncio - Você será recompensado por isso, juro! Prometo que lhe darei esta roupa, quando já estiver mais usada.

Escapino - Espere um pouco. Aqui está o recurso que achei mais indicado para salvá-lo. É preciso que o senhor se meta neste saco e...

Gerôncio (*Julgando ver alguém*) - Ui!

Escapino - Não, não! Não é ninguém! Como eu estava dizendo, é preciso que o senhor se meta aí dentro e procure não se mexer de jeito nenhum. Eu o carregarei nas costas, como um fardo qualquer, e o levarei até sua casa, passando no meio de seus inimigos. Quando a gente estiver lá, nós nos trancamos e mandamos pedir socorro contra os assaltantes.

Gerôncio - Boa idéia!

Escapino - Ótimo, não lhe parece? O senhor vai ver. *(À parte)* Ele me paga a safadeza!

Gerôncio - Hem?

Escapino - Estou dizendo que seus inimigos vão cair como patinhos. Fique bem no fundo. Sobretudo cuidado em não se mostrar nem se mexer, haja o que houver! Entendido?

Gerôncio - Deixe por minha conta. Sa-



berei me conter.

Escapino - Esconda-se! Aí vem um espadachim à sua procura! *(Disfarçando a voz)* “Com? Não t’rei a bentura de matar essa’ tal de G’rôncio? Loubado seja Deus, ninguâin me dirá ond’ el’ s’esconde?” *(A Gerôncio, com voz natural)* Quietinho aí! “Cão do demo, hei de encontrar ess’ belhaco inda que seja no oco da terra!” *(A Gerôncio, com voz natural)* Não ponha a cara do lado de fora! “Olé, um homem no saco!” Meu senhor? “Ofreço-te um luís d’oiro se me disser’s onde diavo está G’rôncio!” Está procurando o senhor Gerôncio? “Ora, pinhões, sim qu’estou a procurá-lo!” Para que assunto, senhor? “Pra que assunto?” Sim. “C’os demônios, pra dar-lhe uma vordoadas até qu’el estique o cambito!” Oh, senhor, ninguém dá bordoadas numa pessoa como ele! Não é homem para ser tratado dessa maneira! “Quâim? Aquel idiota do G’rôncio, aquel malandro, aquel baldebinos!” Alto lá: O senhor Gerôncio não é idiota nem malandro nem valdevinos! E faça-me o favor de tratá-lo com respeito, ouviu? “Com? Então me trata com essa prusápia?” Apenas defendo,

como é de meu dever, um homem de bem que foi ultrajado! “S’rá que és amigo des tal G’rôncio, hum?” Sou, sim senhor! “Ah, cão do demo, és amigo del! Muito que vâim!” *(Dando pauldadas no saco)* Uí ui ui! “Toma lá, lev’isso pr’el, c’os meus cumprimentos! ”F’licidades!” O diabo leve esse gringo! Ai! *(Move as costas como se tivesse levado pauladas)*

Gerôncio *(Botando a cabeça fora do saco)* - Ai, Escapino, não agênto mais!

Escapino - Ai, senhor Gerôncio, estou moído, as costas me doem miseravelmente!

Gerôncio - Como? Foi nas minhas costas que ele bateu!

Escapino - Nada disso! Foi nas minhas!

Gerôncio - Que é que você quer dizer com isso? Senti muito bem as bordoadas! Estou sentindo até agora!

Escapino - Não senhor, absolutamente! Foi só a ponta do cacete que tocou nas suas costas!

Gerôncio - Então você devia ter se afastado um pouco, para me poupar!

Escapino - Cuidado! Aí vem outro com cara de estrangeiro! “Echa é foa, eu correr como doido o dia inteiro e não encontrar eche imbechil do Chirôncio!” Esconda-se direitinho! “O chenhor,

facha-me o obchéquio: onde che encontra eche diacho de Chirôncio, que eu procurar chempre?” Não, cavaleiro, não sei onde está o senhor Gerôncio. “Chem cherimônia, pode me dicher; eu não quer muita coicha com ele. Somentê facher-lhe uma fechtinha no lombô; uma dúchia de fordoádach e unch trech ou quatro golpach de echpada atravech do peitô!” Juro, cavalheiro, que não sei onde ele está! “Pareche que eu fi mexer qualquer coicha nechte chaco!” Absolutamente, cavalheiro! “Eu terr muita fontade de enfiar echpada nechte saco”. Não caia nesta! “Mochtre o que echtá lá dentrô!” Ah, isso é que não! “Icho é que não, por quê?” Não é de sua conta o que eu levo neste saco. “Mach eu quero fer, chabe?” Não vai ver coisíssima nenhuma! “Oh, mach que confercha viada!” São roupas de minha propriedade. “Mochte. Ehtou lhe dicher!” Não mostro. “Ah, não mochtra? “Não! “Eu fai echfregar echte pau em suach cochtach!” Pouco estou ligando a isto. “Ah, che fachendo de fechta, hem?” *(Dando bordoadas no saco e gritando como se as recebesse)* Ai aiai, aiai! “Até a folta! É uma lichô-chinha para você não cher maich



incholente, oufiu?” Ah, desgraçado, ah, língua de trapo!

Gerônimo (*Botando a cabeça fora do saco*) - Ai! Levei uma surra!

Escapino - Acho que morri!

Gerônimo - Mas por que diabo eles precisam malhar as minhas costas?

Escapino (*Tornando a meter-lhe a cabeça no saco*) - Cuidado! Vem aí meia-dúzia de soldados! (Imitando o vozerio de várias pessoas) “Vamos! Temos de encontrar Gerônimo! Procuraremos por toda a parte! Quem está com preguiça de andar? Não se pode esquecer lugar nenhum! Vamos a todos! Escarafunchemos tudo! Que direção tomamos? Vamos dar a volta! Não, por aqui. À esquerda! À direita! Nada? Vejamos”. Sumam-se! “Ah, camaradas, aqui está o criado dele! Vamos, maroto, onde está seu amo?” Os senhores não me maltratam! “Diga onde ele está! Depressa! Rápido!” Calma, gente! (*Gerônimo põe a cabeça um pouquinho fora do saco e percebe a velhacaria de Scapino*) “Se você não nos disser imediatamente onde está seu amo, vai chover bordoadas na sua cabeça!” Prefiro sofrer tudo a delatar meu amo! “Então vamos massacrar você!” Como quiserem! “Quer apanhar, não é? Pois tome...” Oh!

(*Gerônimo sai do saco quando Escapino vai bater e este foge*)

Gerônimo (*Só*) - Ah, infame! Ah, traidor! Cachorro! Era você que me surrava, hem?

Cena III

Zerbineta (*Sem ver Gerônimo*) - Ah ah ah! Preciso tomar um pouco de ar!

Gerônimo (*Sem ver Zerbineta*) - Juro que essa você me paga!

Zerbineta (*Sem ver Gerônimo*) - Nunca vi história mais engraçada! Que grandíssimo idiota, esse velho!

Gerônimo - Não vejo nada de engraçado nisso. A senhorita não tem motivo para rir.

Zerbineta - Hem? Que é que o senhor está dizendo?

Gerônimo - Estou dizendo que a senhorita não deve troçar de mim.

Zerbineta - Eu? Troçando do senhor?!

Gerônimo - Sim.

Zerbineta - Como? Quem é que está querendo troçar do senhor?

Gerônimo - Pois a senhorita não veio aqui rir nas minhas bochechas?

Zerbineta - Não é nada com o senhor, não. Estou rindo de uma história que me contaram agora mesmo; uma coisa impagável. Não sei se é porque eu estou interessada no caso, mas nunca vi

nada tão gaiato como uma peça que um rapaz pregou no pai, para lhe arrancar dinheiro.

Gerônimo - O rapaz pregou uma peça ao pai, para lhe arrancar dinheiro?

Zerbineta - Foi, sim. Não precisa insistir comigo para que eu lhe conte. Adoro contar histórias!

Gerônimo - Então me conte essa.

Zerbineta - Pois não. Aliás, não arrisco lá grande coisa em contar. Essa aventura não vai ficar escondida muito tempo! Quis o destino que eu fosse viver no meio de um desses bandos de ciganos que rondam de província em província, vivendo de ler a sorte e às vezes de fazer outras coisas mais. Chegamos a esta cidade, um rapaz me viu e gostou de mim. A partir desse momento, ele se grudou a meus passos, e olhe o moço a fazer, de começo, como todos os de sua idade, que pensam que basta abrir a boca e dizer uma palavrinha para que tudo esteja arranjado...Mas esbarrou no meu amor-próprio, que o obrigou a modificar um pouco sua primeira idéia. Confessou sua paixão às pessoas que me cercavam. Elas se mostraram dispostas a me ceder, mediante certa quantia. O mal era que meu namorado estava na situação de quase todos os filhos



de família: um tanto desprovido de dinheiro. O pai é rico, mas avarento como aquele que não há. Espere aí...será que não consigo me lembrar do nome dele? Veja se me ajuda...Não pode me dizer o nome de alguém desta cidade, conhecido como o rei dos avarentos?

Gerônimo - Não!

Zerbineta - É um nome assim como ron...rônimo...Or...Orônimo...Não. Gê...Gerônimo! Isso: Gerônimo! Justamente. É o tal unha-de-fome. É a esse sovina que me refiro. Voltando à nossa história: o meu pessoal resolveu ir embora da cidade hoje. Meu namorado ia ficar sem mim, por falta de dinheiro, porque não podia tirá-lo do pai. Mas a esperteza de um criado o salvou! Bem, o nome do criado dele eu sei perfeitamente. Chama-se Escapino. É um sujeito formidável, não há elogio que ele não mereça!

Gerônimo (*À parte*) - Ah, desgraçado!

Zerbineta - Sabe qual o estratagema que ele usou para lograr o velho? Não posso lembrar disto sem rir a bandeiras despregadas! Foi procurar aquele usuário e lhe disse que estava passeando no porto com seu filho. Que tinham avistado uma galera turca e foram convidados a visitá-la. Lá den-

tro um rapaz turco os levou a comer qualquer coisa. Enquanto eles comiam, a galera pôs-se em movimento e o turco devolveu Escapino sozinho para terra, numa canoa, com ordem de dizer ao velho que o rapaz seria levado para Argel, se ele não mandasse imediatamente quinhentos escudos. Então, aquele forreta, aquele miserável mergulhou numa angústia tremenda; sua ternura pelo filho trava um duro combate com a avareza. Os quinhentos escudos que lhe pedem são quinhentas punhaladas no peito. Não tem coragem de arrancar esta soma de suas entranhas; e o sentimento faz com que ele imagine quinhentos meios ridículos de reaver o filho. Pensa em mandar a Justiça pelo mar afora atrás da galera turca. Implora ao criado para que se ofereça para ficar no lugar do filho, até que ele junte o dinheiro que não tem vontade de dar. Para apurar os quinhentos escudos chega a abrir mão de quatro ou cinco roupas velhas que não valem nem trinta! O criado a todo momento lhe mostra o absurdo desses planos. E cada reflexão sua é acompanhada por um comentário doloroso: "Mas que diabo ia ele fazer nessa tal galera?" Maldita galera, turco sem-ver-

gonha!" Afinal, depois de muito rodeio, depois de gemer e suspirar um tempão...mas parece que o senhor não está achando graça na história. Não me diz nada?

Gerônimo - Digo que esse rapaz é um patife, um atrevido e que o pai há de castigá-lo por essa esperteza! Que a tal cigana é uma desmiolada, uma insolente, por injuriar um homem de bem que saberá ensiná-la a vir aqui perverter os filhos de família! E que o tal criado é um safado muito grande, que o senhor Gerônimo mandará enforcar antes que o galo cante!

Cena IV

Silvestre - Para onde a senhorita está fugindo? Sabe que acabou de falar com o pai de seu namorado?

Zerbineta - Agora é que desconfeio disto! Imagine que me dirigi a ele para lhe contar sua própria história!

Silvestre - O quê? A história dele mesmo?

Zerbineta - É! Ela estava bulindo dentro de mim, pedindo para ser contada! Não faz mal, pior para ele! Não vai alterar em nada as coisas para nós.

Silvestre - A senhorita estava mesmo com apetite de conversar, hem? Olhe



que é preciso ter língua solta, para não guardar os nossos próprios segredos!

Zerbineta - Ora, ele acabaria sabendo por outra pessoa.

Cena V

Argante (*Nos bastidores*) - Silvestre!

Silvestre (*À Zerbineta*) - Volte para casa. O senhor Argante está me chamando.

Argante - Com que então, seu malandro, você, Escapino e meu filho se juntaram para me lograr, hem? E pensam que vou tolerar uma coisa dessas?

Silvestre - Palavra de honra, meu senhor; se Escapino o logrou, eu cá lavo as mãos. Juro que não me meti nisso de jeito nenhum!

Argante - Hei de apurar tudo, velhaco, você vai ver! Não admito que ninguém me embrulhe!

Cena VI

Gerôncio - Ah, senhor Argante, o senhor me encontra esmagado pela desgraça!

Argante - E eu? Estou num acabrunhamento horrível!

Gerôncio - Escapino, aquele vagabundo, me furtou quinhentos escudos!

Argante - Pois o mesmo canalha, também graças a uma velhacaria, me furtou duzentas pistolas!

Gerôncio - E não foi só isso de me furtar quinhentos escudos. Tratou-me de um modo que tenho até vergonha de contar! Mas ele me paga!

Argante - E eu faço questão de uma coisa: ele há de se arrepender da peça que me pregou!

Gerôncio - Ah, mas eu vou tirar uma vingança memorável!

Silvestre (*À parte*) - Deus permita que eu não leve a minha parte!

Gerôncio - Mas isso ainda não é nada, senhor Argante. Uma desgraça nunca vem só. Hoje eu me sentia feliz com a esperança de rever minha filha, que era todo o meu consolo na vida. E acabo de saber pelo meu emissário que ela partiu há muito tempo de Taranto e supõe-se que tenha falecido a bordo!

Argante - Mas por que, faça-me o favor de dizer, o senhor a retinha em Taranto, privando-se da alegria de tê-la a seu lado?

Gerôncio - Tinha cá minhas razões. Interesses de família me obrigaram até agora a manter em absoluto segredo meu segundo casamento. Mas, que é isso?

Cena VII

Gerôncio - Ah, você está aí, ama?

Nerina (*Ajoelhando-se diante de Gerôncio*) - Oh, senhor Pandolfo!

Gerôncio - Pode me chamar de Gerôncio, não use mais esse nome. Cessaram os motivos que me obrigavam a usá-lo com vocês, em Taranto.

Nerina - Santo Deus! O senhor não imagina como essa troca de nome nos causou transtornos e sustos, durante os preparativos da viagem para vir procurá-lo aqui!

Gerôncio - Onde está minha filha? E a mãe dela?

Nerina - Sua filha, senhor, não está longe daqui. Mas antes que ela apareça, peço-lhe que me perdoe. Eu deixei que ela se casasse! Ficamos tão abandonadas, longe do senhor!

Gerôncio - Minha filha casou?!

Nerina - Casou, sim senhor.

Gerôncio - Com quem?

Nerina - Com um rapaz chamado Otávio, filho de um tal senhor Argante.

Gerôncio - Meu Deus do céu!

Argante - Não é possível!

Gerôncio - Vamos! Leve-nos depressa ao lugar onde ela está!

Nerina - É só entrar nesta casa.



Gerônimo - Passe à frente. Siga-me, senhor Argante.

Silvestre (Só) - Isto é que é uma aventura surpreendente!

Cena VIII

Escapino - Então, Silvestre, que fez o nosso pessoal?

Silvestre - Tenho duas notícias para você. Uma é que o caso de Otávio está arranjado. Imagine que a senhorita Jacinta é nem mais nem menos que filha do senhor Gerônimo. E o acaso fez justamente aquilo que a sabedoria dos pais tinha deliberado. A outra notícia é que os dois velhos estão fazendo ameaças tremendas a você. Principalmente o senhor Gerônimo.

Escapino - Não tem importância. Ameaças nunca me deram dor de barriga. São nuvens que passam muito acima da cabeça.

Silvestre - Tome cuidado. Os filhos podem se reconciliar com os pais e você se mete em camisa de onze varas!

Escapino - Deixe por minha conta. Saberei acalmar a raiva deles.

Silvestre - Vá embora, que eles estão saindo!

Cena IX

Gerônimo - Venha, minha filha, para nossa casa. Minha alegria seria completa se eu pudesse ter sua mãe a meu lado!

Argante - Aí vem Otávio. Chegou em boa hora!

Cena X

Argante - Meu filho! Venha se regozijar conosco pela feliz aventura do seu casamento!

Otávio - Não, papai. Suas palavras não adiantam nada. Devo arrancar a máscara perante o senhor. Já lhe contaram o meu compromisso, não?

Argante - Sim, Otávio. Mas você não sabe de uma coisa...

Otávio - Sei o que é preciso saber.

Argante - Quero dizer que a filha do senhor Gerônimo...

Otávio - A filha do senhor Gerônimo para mim não significa nada.

Silvestre - Escute, senhor Otávio.

Otávio - Não. Cale a boca.

Argante (A Otávio) - Sua mulher...

Otávio - Não, papai, estou lhe dizendo. Prefiro morrer a deixar minha querida Jacinta! (Vai para o lado dela) É inútil insistir. Ei-la, aquela a quem dei minha

palavra! Hei de amá-la por toda a vida! Não quero saber de outra mulher!

Argante - Pois bem, meu filho: é ela mesma que eu dou a você, diabo de maluco, que está sempre teimando!

Jacinta (Mostrando Gerônimo) - Sim, Otávio! Nosso sofrimento acabou!

Gerônimo - Vamos lá para casa. É melhor do que aqui para conversarmos.

Jacinta (Mostrando Zerbineta) - Papai, por favor, não me separe desta doce criatura que o senhor está vendo. O senhor há de estimá-la, quando conhecer suas qualidades.

Gerônimo - Você quer que eu leve para nossa casa a namorada do seu irmão, que ainda há pouco me disse nas bochechas um milhão de desaforos?!

Zerbineta - Senhor Gerônimo, me perdoe! Eu nãoalaria daquela maneira se soubesse quem era o senhor. Só o conhecia de fama.

Gerônimo - Fama de quê?!

Jacinta - Papai, o sentimento que meu irmão tem por ela não encerra nada de mal. Ponho a mão no fogo pela virtude de Zerbineta.

Gerônimo - Esta é muito boa! Queriam então que eu casasse meu filho com ela? Uma rapariga que ninguém sabe lá de onde veio, uma vagabunda!



Cena XI

Leandro - Papai, não fique triste por eu gostar de uma desconhecida, sem família importante e sem fortuna. Os ciganos acabam de me contar que ela é daqui mesmo e de boa família! Eles a furtaram quando tinha quatro anos de idade. Aqui está o bracelete que me deram e que nos ajudará a encontrar os pais de Zerbina.

Argante - Oh, meu Deus! Este bracelete...é de minha filha, que desapareceu justamente nessa idade!

Gerôncio - Sua filha?

Argante - É ela, sim! Reconheço todos os sinais, tenho certeza! Filhinha querida!

Jacinta - Jesus! Que coisas extraordinárias estão se passando!

Cena XII

Carlos - Senhores! Aconteceu uma coisa horrível!

Gerôncio - Que foi?

Carlos - Coitado do Escapino!

Gerôncio - É um maroto que vou mandar enforcar.

Carlos - Ai, senhor Gerôncio, não terá esse incômodo! Ele passava por uma construção quando lhe caiu em cima,

avaliou o senhor, a marreta de um pedreiro, e lhe quebrou a cabeça e pôs os miolos para fora! Está agonizando e pediu que o carregassem até aqui, para falar aos senhores antes de morrer!

Argante - Onde é que ele está?

Carlos - Vem aí.

Cena XIII

Escapino (*Carregado por dois homens, cabeça enfaixada*) - Ai, ai! Os senhores estão me vendo...numa triste situação. Não quis morrer antes de pedir perdão a todos a quem possa ter ofendido...Ai! Sim, senhores, antes de exalar o último suspiro, eu lhes suplico de todo o coração que me perdoem tudo que eu possa ter feito de mal. Sobretudo ao senhor Argante e ao senhor Gerôncio...ai!

Argante - Por mim, está perdoado. Vamos, morra em paz.

Escapino (*A Gerôncio*) - Foi ao senhor que eu ofendi mais, com aquelas bordoadas que...

Gerôncio - Não continue. Eu também perdôo.

Escapino - Foi uma doídice de minha parte, aquelas bordoadas que...

Gerôncio - Deixemos disso.

Escapino - Na hora da morte, sinto um

arrependimento incrível daquelas bordoadas que...

Gerôncio - Oh, senhor! Cale a boca.

Escapino - Aquelas malditas bordoadas que eu lhe...

Gerôncio - Cale a boca, já disse. Eu esqueci tudo.

Escapino - Ah, quanta bondade! Mas é de coração mesmo, senhor Gerôncio, que me perdoa as bordoadas que...

Gerôncio - Claro que é. Não se fala mais nisso. Perdôo-lhe tudo, Escapino.

Escapino - Ah, senhor, me sinto inteiramente aliviado com essas palavras!

Gerôncio - Sim. Mas perdôo com a condição de você morrer.

Escapino - Como é, senhor Gerôncio?

Gerôncio - Retiro minha palavra, se você escapar.

Escapino - Ai, ai! Minha fraqueza está voltando...

Argante - Meu caro senhor Gerôncio, em atenção à nossa alegria, é melhor perdoar-lhe sem condições.

Gerôncio - Está bem, vá lá!

Argante - Vamos jantar todos juntos, para celebrar nossa felicidade!

Escapino - E eu?! Me levem para a ponta da mesa antes que eu morra!

FIM



Textos à disposição

- ANOUILH, J.** - *O Baile dos Ladrões*, comédia, 1 ato, 17 personagens (4 f. e 13 m.), nº 134.
- ARRABAL, F.** - *Oração*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 2 personagens (1 m e 1 f.), nº 150.
- AUMILLIER, R.** - *O Tigre, o Homem e o Rato*, fábula cômica, 1 ato, 3 personagens m., nº 142.
- AZEVEDO, A.** - *Teatro a Vapor*, comédia, 31 esquetes, 100 personagens (33 f. e 67 m.) e figurantes, nº 140.
- BECKETT, S.** - *Coisas e Loisas*, Teatro do Absurdo, 2 atos, 2 personagens m. e 1 figurante, nº 115; *Todos os que Caem*, peça radifônica, Teatro do Absurdo, 1 ato, 11 personagens (4 f. e 7 m.), nº 121.
- BETHENCOURT, J.** - *Planejamento Familiar - A Solução Brasileira*, comédia, 1 ato, 3 personagens (1 f. e 2 m.), nº 109.
- BRADFORD, B.** - *Ensaio*, comédia dramática, 1 ato, 1 personagem m., nº 126.
- BRECHT, B.** - *A Expulsão do Demônio*, drama, 1 ato, 4 personagens (2 f. e 2 m.), nº 109; *A Mulher Judia*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 119.
- BUZZATI, D.** - *Aquele Instante*, Teatro do Absurdo, 9 esquetes, 38 personagens (13 f. e 25 m.), nº 122.
- CABRUJAS, J. I.** - *El Día Que Me Quieras*, comédia dramática, 2 atos, 7 personagens (4 m. e 3 f.), nº 158.
- COCTEAU, J.** - *A Voz Humana*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.); *O Mentiroso*, drama, 1 ato, 1 personagem m., nº 126; *O Belo Indiferente*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 140.
- COLLIER, J.** - *Poção*, comédia, 1 ato, 2 personagens m., nº 114.
- COUTINHO, P. C.** - *Um Piano à Luz da Lua*, drama, 2 atos, 9 personagens (4 f. e 5 m.), nº 141.
- DOSTOIEVSKI, F.** - *O Grande Inquisidor*, drama, 1 ato, 2 personagens m., nº 114.
- EURÍPEDES** - *Tróia*, drama, 1 ato, 6 personagens (5 f. e 1 m.), nº 139.
- FERRAZ, B.** - *Poleiro dos Anjos*, comédia, 1 ato, 13 personagens (6 f. e 7 m.), nº 146.
- FISCHER, L.** - *Anaiug*, drama, 1 ato, 12 cenas, grande elenco, nº 155; *Tese*, comédia, esquete, 5 personagens (4 m. e 1 f.), nº 159; *Ciúme*, comédia, esquete, 8 personagens (4 m. e 4 f.), nº 160.
- FONSECA, R.** - *H. M.. S. Cormorant em Paranaguá*, drama, 1 ato, 9 personagens (2 f. e 7 m.) e figurantes, nº 128; *Lúcia McCartney*, drama, 1 ato, 12 personagens (7 f. e 5 m.) e figurantes, nº 145.
- FOREMAN, R.** - *Minha Cabeça Era Uma Marreta*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 3 personagens (2 m. e 1 f.), nº 153.
- FRANÇA JR.** - *Como se Fazia um Deputado*, comédia, 3 atos, 15 personagens (2 f. e 13 m.) e figurantes, nº 136.
- FRAYN, M.** - **BRINDES**, comédia, 1 ato, 4 personagens, (2 m., 2 f.), nº 167.
- FUCS, R.** - *A Dentista e seu Paciente*, comédia, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.); *Amor, Sexo e Esclerose*, comédia, 1 ato, 4 personagens (1 f. e 3 m.), nº 132; *Vida Longa*, comédia, 1 ato, 5 personagens (3 f., 2 m. e alguns figurantes), nº 156.
- GHELDERODE, M.** - *Os cegos*, tragicomédia, 1 ato, 4 personagens masculinos, nº 167.
- GIBSON, W.** - *Dois na Gangorra*, drama, 2 atos, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 123.
- GOGOL** - *O Matrimônio*, comédia, 2 atos, 15 personagens (6 f. e 9 m.), nº 112; *O Inspetor Geral*, comédia, 1 ato, 18 personagens (4 f. e 14 m.), nº 135.
- GONZAGA, C.T.** (em parceria com Mazzeo, B) - *Enfim, sós*, comédia romântica, 1 ato, 2 personagens (1f. e 1m.), nº 162.
- GUERDON, D.** - *A Lavanderia*, drama, 3 atos, 6 personagens (3 f. e 3 m.), nºs 110 / 111.
- HASEC, J.** - *O Bravo Soldado Schweik*, comédia, 1 ato, 38 personagens (7 f. e 31 m.), nº 142.
- HOFSTETTER, R.** - *Pirandello Nunca Mais*, comédia, 1 ato, 5 personagens (1 f. e 4 m.), nº 137.
- HOMERO.** - *A Odisséia*, drama heróico, 3 atos, 67 personagens (11 f. e 56 m.) e figurantes, nº 116.
- INGE, W.** - *Tarde Chuvosa*, drama, 1 ato, 3 personagens (2 f. e 1 m.), nº 117.
- IVES, D.** - *Palavras, Palavras, Palavras*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 3 personagens (3 m.); *Filadélfia*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 3 personagens (2 m. e 1 f.); *Com Certeza*, Teatro do Absurdo, 2 personagens (1 m. e 1 f.), nº 150; *Variações Sobre a Morte de Trotsky*, Teatro do Absurdo, 3 personagens (2 m. e 1 f.), nº 152.
- JABLONSKI, B.** - *A Claudinha Está Lá Fora*, comédia, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 131.
- KARTUN, M.** - *A Casa dos Velhos*, comédia dramática, 1 ato, 7 personagens (4 f. e 3 m.), nº 114.
- LORDE, A.** - *O Sistema do Doutor Goudron e do Professor Plume*, drama, 1 ato, 11 personagens (2 f. e 9 m.), nº 112.
- MACHADO, M. C.** - *Esquetes*, comédia, 57 personagens (44 f. e 13 m.), nº 131; *Pluft, o fantasma*, infantil, 8 personagens (3 f. e 5 m.), nº 131.
- MAETERLINCK, M.** - *Interior*, drama, 1 ato, 9 personagens (4 f. e 5 m.) e figurantes, nº 119.

MAHIEU, R. - *Jogos na Hora da Sesta*, drama, 1 ato, 8 personagens (3 f. e 5 m.), nº 147.

MARIVAUX. - *O Jogo do Amor e do Acaso*, comédia, 3 atos, 7 personagens (2 fe. e 5 ma.), nº 127.

MARX, G. - *Seleção de Esquetes Cômicos*, 4 personagens (1 f. e 3 m.), nº 113; *Lição de Etiqueta*, comédia, 1 ato, 1 ator, nº 116.

MOLIÈRE. - *Médico à Força*, comédia, 3 atos, 11 personagens (3 f. e 8 m.), nº 108.

MÜLLER, H. - *O Pai*, drama, 1 ato, 1 ator; *Libertação de Prometeu*, drama, 1 ato, 1 ator, nº 147.

MUSSET, A. - *Fantasia*, comédia, 2 atos, 10 personagens (8 m. e 2 f.) e outros, nº 104.

NAVARRO, A. R. - *O Ser Sepulto*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 5 personagens (2 f. e 3 m.), nº 114.

NUNES, A. - *Geração Trianon*, comédia, 2 atos, 28 personagens (9 f. e 19 m.), nº 117.

O'CASEY, S. - *Uma Libra em Dinheiro Vivo*, comédia, 1 ato, 5 personagens (2 f. e 3 m.), nº 124.

OLIVEIRA, D. - *O Triunfo da Razão*, sátira, 1 ato, 21 cenas, grande elenco, nº 99; *Do fundo do Lago Escuro*, drama, 3 atos, 10 personagens (6 m. e 4 f.), nº 154.

PALATINIK, E. - *A Paranóica e Mestre Pierre*, comédia, monólogo, (1f.), nº 150.

PATRICK, R. - *Renda de Amor*, comédia dramática, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 113.

PEREIRA, V. - *Colar de Diamantes*, tragicomédia, 2 atos, 4 personagens (3 f. e 1 m.), nº 133.

PINTER, H. - *Seleção de Esquetes*, Teatro do Absurdo, 15 personagens (6 f. e 9 m.), nº 120.

PIRANDELLO, L. - *O homem da flor na boca*, drama, 1 ato, 2 personagens (2 m.), nº 81. *Belavida*, comédia, 1 ato, 6 personagens (5 m. e 1 f.), nº 99

PLAUTO. - *Os Menecmos*, comédia, 5 atos, 9 personagens (3 f. e 6 m.) e figurantes, nº 111.

RENARD, J. - *Pega Fogo*, drama, 1 ato, 4 personagens (2 f. e 2 m.), nº 109.

RIO, J. DO - *Clotilde*, drama, 1 ato, 3 personagens (1 f. e 2 m.); *Encontro*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.) e *Que Pena Ser Só Ladrão*, farsa, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 143.

SANTIAGO, T. - *O Auto do Rei*, Teatro Épico, 1 ato, 12 personagens

(1 f. e 11 m.), nº 106.

SAYÃO, W. - *Uma Casa Brasileira Com Certeza*, comédia, 1 ato, 6 personagens (3 f. e 3 m.), nº 129; *Anônima*, drama, 1 ato, 7 personagens (4 m. e 3 f.), nº 152. *O altar do incenso*, drama, 1 ato, 3 personagens (1 f., 2 m.), nº 161.

SEMPRUN, M. C. - *O Homem Deitado*, drama, 1 ato, 7 personagens (2 f. e 5 m.), nº 144.

SHAKESPEARE, W. - *Macbeth*, tragédia, 5 atos, 30 personagens (6 f. e 24 m.) e figurantes, nº 115; *Uma peça como você gosta (As you like it)*, comédia, 5 atos, 21 personagens (17 m. e 4 f.), nº 107.

SHAW, G. B. - *As Armas e o Homem*, comédia, 3 atos, 9 personagens (3 f. e 6 m.) e figurantes, nº 148.

SILVA, F.P. - *O Caso do Chapéu*, comédia, 1 ato, 4 personagens (2 f. e 2 m.), nº 150.

TANNEN, D. - *Um Ato de Devoção*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 159

TARDIEU, J. - *Uma Peça Por Outra*, Teatro do Absurdo, 2 atos, 42 personagens (15 f. e 27 m.), nº 118; *Quem Vem Lá ?*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 5 personagens (2 f. e 3 m.), nº 148.

TCHECOV, A. - *Sobre os Males que o Fumo Produz*, comédia dramática, 1 ato, monólogo, 1 personagem ma., nº 128; *Um Papel Trágico*, comédia, 1 ato, 2 atores, nº 157; *O Jardim das Cerejeiras*, drama, 4 atos, 12 personagens (5f. e 8m.), nº 163.

TROTTA, R. - *O Malfeitor*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 m e 1 f.), nº 150.

VALENTIM, K. - *Seleção de Esquetes Cômicos*, 25 personagens (8 f. e 17 m.), nº 113; *O Pé de Árvore de Natal*, comédia, 1 ato, 5 personagens (2 f. e 3 m.) e figurantes, nº 118.

VIAN, B. - *Cinemassacre*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 54 personagens (9 f. e 45 m.) e figurantes; *Olhar Cruzado*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 6 personagens (1 f. e 5 m.) nº 130.

VIANNA FO, O. - *O Morto do Encantado Morre e Pede Passagem*, comédia, 1 ato, 11 personagens (4 f. e 7 m.), nº 138.

VICENTE, J. - *Hoje é Dia de Rock*, saga lírica, 1 ato, 13 personagens (6 f. e 7 m.), nº 119.

VOGESTEIN, C. - *Encontro com um estranho*, comédia dramática, 1 ato, 3 personagens (2 m. e 1 f.), nº 160.

WILDER, T. - *Infância*, comédia, 1 ato, 5 personagens (3 f. e 2 m.), nº 121.

WOJTYLA, K. - *A Loja do Ourives*, drama, 3 atos, 6 personagens (3 m. e 3 f.), nº 125.

Atividades d'O Tablado

Cursos de Improvisação

Andreia Fernandes
Aracy M. Mourthé
Bernardo Jablonski
Bia Junqueira
Cico Caseira
Dina Moscovici
Fernando Bechy
Guida Vianna
Isabella Secchin
João Brandão
Johayne Ildefonso
Lionel Fischer
Luiz Carlos Tourinho
Luiz Octávio de Moraes
Maria Clara Mourthé
Patrícia Nunes
Ricardo Kosovski
Sura Berditchevski
Thais Balloni

Publicação

Revista "Cadernos de teatro"
assinatura (4 n^{os}).....R\$ 20,00

Agradecemos a colaboração do curso de Tradução do Departamento de Letras da PUC-Rio. Estas publicações poderão ser pedidas à Secretaria d'O Tablado, mediante pagamento com cheque, em nome de Eddy Rezende Nunes – O Tablado, pagável no Rio de Janeiro. Em caso de vale postal, o mesmo deverá ser remetido à agência dos correios do Jardim Botânico – RJ, sempre em nome de Eddy Cintra de Rezende Nunes. Números atrasados podem ser adquiridos da mesma forma, pelo preço atual.

Impresso pela
Gráfica Barbieri Ltda.